



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS (CFCH)  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**LUA SAVORET**

**PROJETOS PEDAGÓGICOS EM ESPACOS NÃO ESCOLARES:  
SUA RELEVÂNCIA A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DE UMA COMUNIDADE  
INSULAR**

Rio de Janeiro

Julho de 2021

**LUA SAVORET**

**PROJETOS PEDAGÓGICOS EM ESPAÇOS NÃO ESCOLARES:  
SUA RELEVÂNCIA A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DE UMA COMUNIDADE  
INSULAR**

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da UFRJ  
como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em  
Pedagogia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Silvina Julia Fernández

Rio de Janeiro  
Julho de 2021

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe e ao meu pai, por me proporcionarem todas as oportunidades para chegar até aqui carregando comigo um repertório de gratidões. Ao meu irmão, por acreditar em mim sempre.

Agradeço à UFRJ e à Pedagogia por me concederem encontros com pessoas que levarei para a vida.

Agradeço a Silvina, minha orientadora que tanto admiro, por me acompanhar nessa caminhada. Por acreditar em mim desde a primeira disciplina e por tanto se dedicar aos estudantes da graduação. Tenho certeza de que você fez e continua fazendo toda diferença na trajetória de muitas futuras pedagogas.

Agradeço a Sophia, Sabrina, Fabi e Linda pela amizade verdadeira sem a qual minha jornada acadêmica e pessoal não teria sido a mesma. Cada uma de vocês é fonte de inspiração. Amo vocês.

Agradeço a meus amigos e familiares por vibrarem comigo a cada conquista.

Agradeço à Ilha Grande e todas suas riquezas: a natureza, a cultura e as pessoas. Agradeço a todos os projetos que participaram da pesquisa tornando-a possível. Agradeço a Yayoi, Nilson e Waldeck por tanto, desde sempre. Agradeço a Tati e Vando por cuidarem do meu berço como ninguém. Esse lugar faz parte da minha história e, portanto, de mim. Carrego todos com muito carinho em meu coração.

*“E pela lei natural dos encontros  
Eu deixo e recebo um tanto”  
- Novos Baianos*

## RESUMO

O presente trabalho pretende realizar uma análise crítica relativa aos processos pedagógicos não escolares no contexto específico de uma comunidade insular – a Vila do Abraão, na Ilha Grande, localizada no Estado do Rio de Janeiro. A partir de um mapeamento dos projetos educacionais não escolares existentes atualmente na Vila do Abraão, pretendo compreender de que maneira os projetos pedagógicos desvinculados do espaço escolar tradicional, desenvolvidos a partir do contexto de cada comunidade, diferentes das formas e dos conteúdos da educação formal/escolar, impactam a formação dessa população. Para tal, inicialmente realizarei uma reflexão acerca da origem e significados dos conceitos de educação formal, informal e não-formal e a sua relevância para os estudos pedagógicos não-escolares. Em um segundo momento, procedemos à contextualização, a partir da realização de um resgate histórico para apresentar não somente o contexto histórico, mas também cultural e educacional da Ilha Grande, localizada na cidade de Angra dos Reis (RJ). Através da aplicação e análise de questionários destinados aos atores envolvidos em projetos pedagógicos não formais na Vila do Abraão, procura compreender de que forma estas práticas potenciam (ou não) a ampliação de saberes e conhecimentos da população local, bem como o seu impacto na manutenção, reafirmação e ressignificação da cultura de comunidades tradicionais/caiçaras. Este trabalho pretende ainda sistematizar as lacunas existentes no quesito educacional a partir das percepções das famílias das crianças neste território.

**Palavras-chave:** educação não-escolar; educação não-formal; cultura caiçara; Ilha Grande; projetos educacionais.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1. EDUCAÇÃO FORMAL, INFORMAL E NÃO FORMAL: UM DEBATE CONCEITUAL....	11
2. ILHA GRANDE: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO GEOGRÁFICA, HISTÓRICA E SOCIOCULTURAL.....	17
2.1 A Ilha Grande: apresentação histórica, geográfica e educacional.....	17
2.2 A Ilha Grande e a cultura caiçara.....	24
3. PROJETOS PEDAGÓGICOS NA VILA DO ABRAÃO E A PERSPECTIVA DAS FAMÍLIAS ATENDIDAS.....	28
3.1 Que projetos pedagógicos não escolares existem na Vila do Abraão?.....	28
3.2 Qual é a perspectiva das/dos ilhéus sobre esses projetos pedagógicos? A visão das famílias....	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
Referências Bibliográficas.....	49
Anexos.....	51

## INTRODUÇÃO

Minha motivação inicial para realizar a presente pesquisa na Vila do Abraão, localizada na Ilha Grande, em Angra dos Reis (RJ), se sustenta pelo meu vínculo afetivo com este território. Morei na Vila do Abraão durante os meus primeiros sete anos de vida, fui alfabetizada na Escola Municipal local e, apesar de me mudar para o Rio de Janeiro em seguida, mantive uma grande conexão com este vilarejo pelo fato do meu pai continuar vivendo na nossa casa de infância. Mantendo fortes amizades e um vínculo afetivo que me levam a voltar à Ilha Grande com frequência, pude observar de perto as mudanças que ocorreram na vila ao longo dos últimos anos, o que me instigou a desenvolver um estudo que possa de alguma forma contribuir para o reconhecimento da comunidade local.

A Ilha Grande é composta por diversos povoados; a Vila do Abraão, sendo o mais populoso, é o foco desta pesquisa. Nos últimos anos, durante meu processo de formação como Pedagoga, meu olhar educacional foi se tornando mais direcionado e pude observar o surgimento de diversos projetos de cunho educacional desvinculados da escola. Este fato me incitou a estudar os motivos pelos quais isso vinha acontecendo, bem como de que maneira esses projetos se desenvolvem, quem são seus atores, quais seus objetivos e resultados.

A partir do interesse pelos projetos educacionais em questão, é relevante entender onde se encaixam e como se desenvolvem. Assim, de início, se categorizados nas modalidades de educação formal, educação informal e educação não formal, seriam considerados educação não formal.

A princípio podemos demarcar seus campos de desenvolvimento: a educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados; a informal como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização – na família, bairro, clube, amigos etc., carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados; e a educação não-formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas. (GOHN, 2006, p.28)

A educação não formal abre espaço para outros fazeres educacionais fora do contexto escolar, dessa forma valorizando outras formas de educar. Os diversos projetos desenvolvidos na Vila do Abraão são de cunho educacional, porém não em sua forma tradicional. Os coletivos que os desenvolvem prezam pelo compartilhamento de experiências e pelo resgate histórico e cultural da Ilha Grande.

Na educação não-formal, os espaços educativos localizam-se em territórios que acompanham as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos, fora das escolas, em locais informais, locais onde há processos interativos intencionais (a questão da intencionalidade é um elemento importante de diferenciação). (Ibidem, p. 29).

A Vila do Abraão é conhecida pela sua riqueza natural: abundante em praias, praças e espaços ao ar livre, essas características são um aspecto fundamental para a realização de projetos fora do espaço escolar. Além disso, todos os projetos desenvolvidos parecem ter intencionalidade e interação no sentido em que são projetos sociais considerados importantes para as crianças que participam. “Há na educação não-formal uma intencionalidade na ação, no ato de participar, de aprender e de transmitir ou trocar saberes” (GOHN, 2006, p. 29). Dessa forma, precisamos buscar entender quais são os saberes transmitidos nesses projetos, sobretudo, quando percebemos que a Ilha Grande foi por muitos anos um polo de cultura caiçara, cultura essa que vem perdendo-se ao longo dos anos motivada por um crescente direcionamento da economia e serviços locais voltados quase exclusivamente para o turismo.

Nesse sentido, várias questões orientam esse trabalho de pesquisa e reflexão: No contexto cultural mencionado, a educação não-formal atua com eficácia a favor da manutenção da cultura de comunidades tradicionais/caiçaras? As diferentes experiências de educação não-formal, apresentam-se como ferramenta de concretização e ampliação dos saberes e conhecimento em função da reafirmação/reconhecimento das identidades locais? De que maneira os projetos educacionais desvinculados da escola, desenvolvidos a partir do contexto de cada comunidade, diferentes das formas e dos conteúdos da educação formal, são importantes para a formação dessa população específica?

A partir dessa problemática, esse trabalho tem como objetivo geral estudar a existência de projetos educacionais não formais existentes na Vila do Abraão e o seu impacto relativo aos saberes e conhecimento da população local, bem como a sua relação com a reafirmação/reconhecimento das identidades locais tradicionais/caiçaras. Em termos de objetivos específicos pretende-se: realizar uma análise e reflexão acerca das concepções de educação não formal e a sua importância na formação dos indivíduos; compreender as dimensões de cultura caiçara e conhecer a história e a cultura da Ilha Grande; mapear os projetos educacionais desenvolvidos na Vila do Abraão fora do contexto escolar; sistematizar as lacunas existentes no quesito educacional na visão das crianças e seus pais na Vila do Abraão.

A metodologia utilizada neste estudo para alcançar os objetivos é de cunho qualitativo e, em um primeiro momento, implicou a elaboração do marco conceitual sobre as concepções de educação formal, informal e não formal com enfoque na educação não formal. Em seguida, procedeu à contextualização, a partir da realização de um resgate histórico sobre a Ilha Grande e sua cultura caiçara através de um levantamento bibliográfico sobre o tema. Em um terceiro momento, a pesquisa de campo realizou o mapeamento dos projetos educacionais não formais existentes atualmente na Vila do Abraão e à identificação os protagonistas destes projetos, a quem aplicou-se um questionário pela internet. O foco da análise dos dados coletados foi identificar os atores dos projetos educacionais e seus objetivos, conhecer as finalidades e os conteúdos desses projetos, bem como entender a visão das famílias das crianças que habitam a vila no sentido da sua formação.

No primeiro capítulo será apresentado o debate sobre os conceitos de educação formal, informal e não-formal e a sua relevância para os estudos pedagógicos. No segundo capítulo, será realizada a exposição do contexto histórico, cultural e educacional da Ilha Grande, com foco na cultura caiçara. No terceiro capítulo, será descrita a metodologia utilizada, bem como os dados e resultados do trabalho de campo para, por fim, apresentar as conclusões e considerações finais.



## CAPÍTULO 1.

### EDUCAÇÃO FORMAL, INFORMAL E NÃO FORMAL: UM DEBATE CONCEITUAL

Neste capítulo apresentaremos o debate sobre os conceitos de educação formal, informal e não-formal, vinculados ao debate sobre educação escolar e não-escolar, e a sua relevância para os estudos pedagógicos.

Antes de debruçar-se sobre a tipologia da educação formal, informal e não formal, é fundamental evidenciar o próprio conceito de educação. A educação tem sido objeto de estudo em diversos campos do conhecimento como na sociologia, antropologia, biologia, psicologia, história, pedagogia, economia... As concepções de educação foram sendo pensadas e desenvolvidas ao longo dos tempos, trazendo consigo valores e perspectivas diversas. Por esse motivo, não há apenas um significado restrito. Assim, de acordo com Libâneo (2010, p. 81-82), citado por Almeida (2014, p.18):

[...] a educação compreende o conjunto dos processos formativos que ocorrem no meio social, sejam eles intencionais ou não intencionais, sistematizados ou não, institucionalizados ou não. Integra, assim, o conjunto dos processos sociais, pelo que se constitui como uma das influências do meio social que compõe o processo de socialização. Em sentido estrito, a educação diz respeito a formas intencionais de promoção do desenvolvimento individual e de inserção social dos indivíduos, envolvendo especialmente a educação escolar e extra-escolar. (LIBANEO, 2010, p. 81-82)

A partir dessa colocação histórico-social de educação, percebe-se que ela não está limitada aos saberes escolares. Ao se pensar em educação, a instituição escola logo vêm à cabeça. Porém, esse pensamento foi também construído pela sociedade ao longo dos tempos e a educação vai além dos conhecimentos escolares.

As concepções de educação formal, não formal e informal surgiram através do estudo de diversos autores. É necessário fazer um resgate histórico, lembrar das transformações que o mundo e as sociedades sofreram para entender a intensificação dos movimentos sociais que levaram ao surgimento de outras formas de educação. Apesar das grandes evoluções tecnológicas e científicas, as desigualdades sociais se mantiveram e por consequência, os movimentos sociais se expandiram.

Se, por um lado, a escola como instituição formal, teria a incumbência de preparação de um saber sistematizado voltado para a preservação do acervo cultural do homem, bem como de seus valores e formas de autoprodução, por outro lado, o seu alcance se tornaria limítrofe quando do encaminhamento de

questões sociais e atendimento a grupos marginais da sociedade em se tratando de oportunidades e abertura ao protagonismo social universalizado. Havia que se inaugurar uma mobilização educacional que respondesse, de maneira diferenciada, tais solicitações. (LIMA; DIAS, 2008, p.3)

A resposta a essas solicitações desenvolvidas pelos movimentos sociais foi o desenvolvimento de estratégias de educação não formalizada para os indivíduos não contemplados pela educação escolar. Dessa forma, alguns estudiosos relacionam essa ampliação dos movimentos sociais ao que podemos chamar de crise da educação formal. De acordo com Jaume Trilla,

A expressão educação não-formal começa a aparecer relacionada ao campo pedagógico concomitantemente a uma série de críticas ao sistema formalizado de ensino, em um momento histórico em que diferentes setores da sociedade (não só o pedagógico, como também o serviço social, a área da saúde, cultura e outros) viam a escola e a família como impossibilitados de responder a todas as demandas sociais que lhes são impostas, delegadas e desejadas. (1996, apud GARCIA, 2008, p. 1)

A nomenclatura da educação não formal não teve sua origem no Brasil. Os movimentos sociais que se intensificaram a partir da crise da educação foram mundiais. Fávero (2007, p. 614) aponta que “a terminologia formal/não formal/informal, de origem anglo-saxônica, foi introduzida a partir dos anos de 1960”.

De acordo com Lima e Dias (2008), o termo educação não formal aparece em 1967 na Conferência Internacional sobre Educação na Virgínia, nos Estados Unidos, onde um documento elaborado indicava a necessidade de meios educativos para além dos escolares. Esse foi o marco que deu início a oficialização de uma educação fora do sistema regular.

Trilla (1996, apud ALMEIDA, 2014, p.19), conclui que as terminologias de educação formal, não formal e informal foram divulgadas por P. H. Coombs em 1968, que na época ainda confundia a educação não formal e informal como sinônimos. Em 1974, ele revisa essas concepções e as distingue reformulando suas convicções.

Após esse resgate histórico sobre o surgimento das nomenclaturas dessas diferentes modalidades de educação, voltamos à premissa de que a educação dos indivíduos não se reduz a educação escolar e de acordo com Trilla (1996, apud ALMEIDA, 2014, p. 19), “mesmo nas sociedades escolarizadas, a escola é sempre apenas um momento do processo educacional global dos indivíduos e das coletividades. Com a escola coexistem muitos e variados mecanismos educacionais”. Isto é, para a formação plena e integral de um indivíduo, seria preciso ter diversas

fontes de educação além da escola. É a partir desse princípio que será investigada a trilogia educação formal, informal e não formal de maneira mais profunda.

A princípio podemos demarcar seus campos de desenvolvimento: a educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados; a informal como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização – na família, bairro, clube, amigos etc., carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados; e a educação não-formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas. (GOHN, 2006, p.28)

A autora sistematiza seu estudo a partir de seis questões que considera fundamentais para diferenciar as três modalidades educacionais. “Quem é o educador em cada campo de educação que estamos tratando?”; “Onde se educa?”; “Como se educa?”; “Qual a finalidade ou objetivos de cada um dos campos de educação assinaladas?”; “Quais são os principais atributos de cada uma das modalidades educativas que estamos diferenciando?”; “Quais são os resultados esperados em cada campo assinalado?”.

Primeiramente, a autora diferencia o agente do processo de construção do saber para cada modalidade. Na educação formal, o educador é o professor; na educação informal, os educadores são os pais, a família, os amigos e vizinhos, colegas da escola, meios de comunicação de massa, entre outros; e na educação não formal, “o outro” com quem interagimos é o agente.

A partir da pergunta onde se educa, em que espaço físico territorial acontecem os processos educativos, no que diz respeito a educação formal, quase que automaticamente pensamos nas escolas, pois é a modalidade com a qual estamos mais familiarizados. “Na educação formal estes espaços são os do território das escolas, são instituições regulamentadas por lei, certificadoras, organizadas segundo diretrizes nacionais.” (GOHN, 2006, p.29) Já os espaços educativos da educação não formal “localizam-se em territórios que acompanham as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos, fora das escolas, em locais informais, locais onde há processos interativos intencionais” (Ibidem, p.29).

É relevante destacar o fator da intencionalidade, que se dá tanto na educação formal quanto na educação não formal. Libâneo (apud ALMEIDA, 2014, p.20) as separa em dois âmbitos: a educação intencional, que se desdobra nas educações formal e não formal; e a educação não intencional, que segundo ele, é sinônimo da educação informal. No que se refere à educação informal, Gohn (2006) aponta que seus espaços educativos são relativos a partir da nacionalidade,

localidade, idade, sexo, religião, etnia do indivíduo, bem como onde mora (rua, bairro, casa, condomínio), o clube que frequenta, religião, local onde nasceu, etc.

Em relação ao contexto em que ocorre a educação formal, por estar ligada aos territórios da escola e ser regulamentada por lei, Gohn (2006) aponta que ela se desenvolve em ambientes normatizados, com regras e padrões comportamentais definidos previamente. A educação não formal acontece normalmente em situações de interação construídas por um coletivo com diretrizes próprias e a participação, regra geral, é voluntária e intencional. Já a informal advém de onde as relações sociais se dão espontaneamente a partir dos gostos e preferências de cada um (há de se levar em conta também os pertencimentos herdados).

Cada uma das modalidades compõe diferentes objetivos podendo ser considerados complementares uns aos outros. A educação formal, segundo aponta Gohn (2006) têm a intenção de formar um cidadão ativo, desenvolvendo diversas habilidades e competências, ampliando a criatividade, a percepção e a motricidade, entre outros. Para isto, ela requer tempo e local específico, pessoal especializado, organização, sistematização sequencial das atividades, disciplinamento, regulamentos e leis, órgãos superiores etc.

A educação informal (Ibidem, p.29), está associada ao processo de socialização dos indivíduos, socialização esta que o permite desenvolver hábitos, atitudes, comportamentos, modos de pensar e de se expressar no uso da linguagem, segundo valores e crenças de grupos que se frequenta ou que se pertence por herança. A educação informal é um processo permanente e não organizado, os conhecimentos não são sistematizados e ela atua no campo das emoções e sentimentos.

Ainda segundo essa autora, a finalidade da educação não formal (Ibidem, p.29) é abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais, capacitando os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo. Seus objetivos são construídos durante o processo interativo, gerando um processo educativo. O modo de educar é o resultado do processo voltado para os interesses e as necessidades de quem dele participa. Essa modalidade de educação não é organizada por séries, idade ou conteúdos, mas atua sobre aspectos subjetivos do grupo. Aspectos esses como por exemplo, trabalhar a cultura política de um grupo, desenvolver laços de pertencimento, ajudar na construção da identidade coletiva do grupo e da cidadania do mesmo, colaborar para o desenvolvimento da autoestima dos indivíduos, fundamentar-se no critério da solidariedade e identificação de interesses comuns.

Por fim, Gohn (2006) sistematiza os resultados esperados em cada campo educacional estudado. Segundo ela, na educação formal espera-se, sobretudo que haja uma aprendizagem efetiva a partir dos conteúdos definidos (que, infelizmente nem sempre ocorre, mas não cabe discorrer sobre essa particularidade no presente trabalho), além da certificação e titulação que capacitam os indivíduos a seguir para graus mais avançados. Na educação informal, não há resultados esperados, eles simplesmente acontecem a partir do desenvolvimento do senso comum nos indivíduos, senso este que orienta suas formas de pensar e agir espontaneamente. Já na educação não formal, há uma série de resultados que poderão se desenvolver a partir de seus processos. Resultados estes já citados anteriormente pois fazem parte dos seus objetivos, como consciência e organização de como agir coletivamente, construção e reconstrução de concepções de mundo e sobre o mundo, contribuição para um sentimento de identidade com uma dada comunidade, formar o indivíduo para a vida e suas adversidades sem pensar apenas na capacitação para entrar no mercado de trabalho, resgatar o sentimento de valorização de si próprio, etc. Ou seja, espera-se que os indivíduos desenvolvam sentimentos de autovalorização, de rejeição dos preconceitos que lhes são dirigidos, o desejo de lutarem para ser reconhecidos como iguais dentro de suas diferenças (raciais, étnicas, religiosas, culturais, etc.), que adquiram conhecimento de sua própria prática e aprendam a ler e interpretar o mundo que os cerca.

Embora este trabalho esteja focado na educação não formal, foi importante compreender as diferenças entre as três modalidades antes de dar continuidade ao estudo. A educação não formal é um campo educacional em construção e por este motivo segue sendo refletida e deliberada por diversos autores.

Gohn (2006) sistematiza sobre algumas lacunas da educação não formal. Afirma sobre a falta de formação específica de educadores a partir da definição de seu papel e das atividades a realizar, bem como a definição mais clara das funções e dos objetivos da educação não formal. Aponta também as lacunas no que diz respeito a sistematização das metodologias utilizadas no trabalho cotidiano, na construção de metodologias que possibilitem o acompanhamento do trabalho que vem sendo realizado, bem como a construção de instrumentos metodológicos de avaliação e análise do trabalho realizado por exemplo. Por outro lado, como apontado durante a orientação deste trabalho pela Prof.<sup>a</sup> Silvina Fernández, dado que, nessa concepção, a ação educativa se vincula aos valores do grupo, esses valores podem não ser sempre emancipatórios.

Ao comparar às metodologias da educação formal, que são usualmente, planejadas previamente segundo conteúdos prescritos nas leis; e à educação informal que possui como método básico a vivência e a reprodução do conhecido, as lacunas metodológicas da educação não formal se evidenciam. Assim,

Na educação não-formal, as metodologias operadas no processo de aprendizagem partem da cultura dos indivíduos e dos grupos. O método nasce a partir de problematização da vida cotidiana; os conteúdos emergem a partir dos temas que se colocam como necessidades, carências, desafios, obstáculos ou ações empreendedoras a serem realizadas; os conteúdos não são dados a priori. São construídos no processo. O método passa pela sistematização dos modos de agir e de pensar o mundo que circunda as pessoas. Penetra-se, portanto, no campo do simbólico, das orientações e representações que conferem sentido e significado às ações humanas. Supõe a existência da motivação das pessoas que participam. Ela não se subordina às estruturas burocráticas. É dinâmica. Visa à formação integral dos indivíduos. Neste sentido tem um caráter humanista. Ambiente não formal e mensagens veiculadas “falam ou fazem chamamentos” às pessoas e aos coletivos, e as motivam. Mas como há intencionalidades nos processos e espaços da educação não-formal, há caminhos, percursos, metas, objetivos estratégicos que podem se alterar constantemente. Há metodologias, em suma, que precisam ser desenvolvidas, codificadas, ainda que com alto grau de provisoriedade pois o dinamismo, a mudança, o movimento da realidade segundo o desenrolar dos acontecimentos, são as marcas que singularizam a educação não-formal. (GOHN, 2006, p. 31)

A partir dessa premissa, a presente pesquisa visa descobrir os projetos de educação não formal desenvolvidos na Vila do Abraão, Ilha Grande. Ilha cujo território e história são extensos e trazem consigo uma significativa riqueza cultural. Cultura esta que, por muitas gerações, foi predominantemente caiçara e sofreu grandes transformações nos últimos anos. O resgate histórico-cultural do território será estudado a partir de uma pesquisa bibliográfica no próximo capítulo para contextualizar o território em que se desenvolvem esses projetos de educação não formal.

## CAPÍTULO 2.

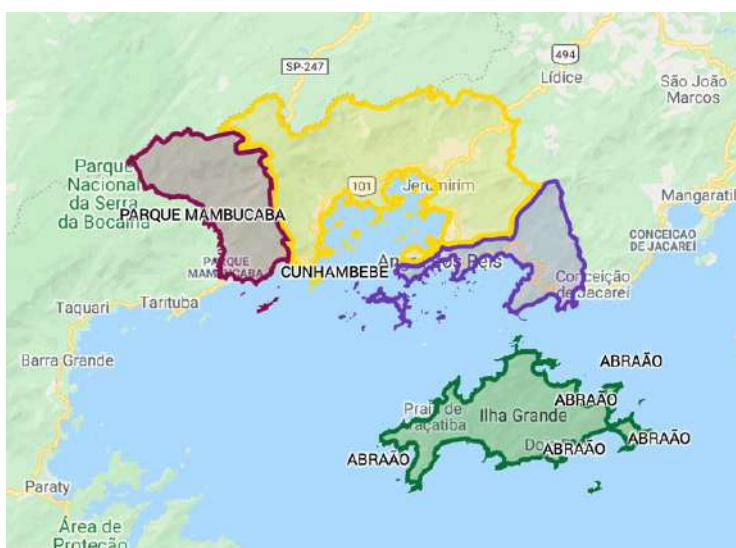
### ILHA GRANDE:

#### BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO GEOGRÁFICA, HISTÓRICA E SOCIOCULTURAL.

O presente capítulo pretende elaborar a caracterização geográfica e sociocultural da Ilha Grande, bem como resgatar sua história e os fundamentos da cultura caiçara. A pesquisa bibliográfica realizou-se através da consulta de artigos e trabalhos encontrados on-line pois condicionadas pela condição pandêmica causada pela Covid-19, a frequência de bibliotecas foi impedida e limitou o acesso a arquivos físicos.

#### 2.1 A Ilha Grande: apresentação histórica, geográfica e educacional

A Ilha Grande está localizada no litoral sul do Estado do Rio de Janeiro, no município de Angra dos Reis e sustenta sua amplitude territorial em seu nome. Em 15 de abril de 1993, a promulgação da Lei nº 270<sup>1</sup> apresenta a divisão de Angra dos Reis em quatro distritos: Angra dos Reis, Mambucaba, Cunhambebe e Ilha Grande; as sedes de cada distrito sendo Cidade de Angra dos Reis, Vila de Mambucaba, Vila do Frade e Vila do Abraão, respectivamente. O site da Prefeitura de Angra dos Reis disponibiliza o mapa abaixo onde observamos as divisões de distrito.



---

<sup>1</sup> Autor da lei: Vereador Paulo Mattos e outros; sancionada pelo Prefeito Luiz Sérgio Nóbrega de Oliveira. Disponível em: <https://www.angra.rj.gov.br/sma-leis-urbanisticas.asp?IndexSigla=SEMAM&vNomeLink=Legisla%E7%E3o%20Territorial%20/%20Licenciamento>

Fonte: Prefeitura de Angra dos Reis<sup>2</sup>

O município de Angra dos Reis e, portanto, a Ilha Grande faz parte da região da Costa Verde do Estado do Rio de Janeiro como exibido no mapa abaixo.



Fonte: Proderj<sup>3</sup>

Além da extensão de suas terras, superior a 190 km<sup>2</sup>, a história da Ilha Grande também é bastante extensa.

Estudos arqueológicos indicam que há mais de 2.500 anos as ilhas deste litoral já eram habitadas por seres humanos. Montes de conchas e ossos e abrigos sobre rochas (para acampamentos e sepultamentos) comprovam a existência de povos pré-históricos – pescadora, caçadores, e coletores – que viviam pelas ilhas oceânicas; resquícios de ossos e cerâmicas indicam a presença de indígenas, ruínas de engenho e construções de pedra demonstram que colonizadores europeus e escravos passaram por essas ilhas. (PIRRÓ, 2010, p. 14)

<sup>2</sup> <http://observa.angra.rj.gov.br/observatorio-osmapas.asp?om=5>

<sup>3</sup> [http://arquivos.proderj.rj.gov.br/sefaz\\_cejperj\\_imagens/Arquivos\\_Ceperj/ceep/informacoes-do-territorio/cartografia-fluminense/Mapa%20das%20Regi%C3%B5es%20de%20Governo%20e%20Munic%C3%ADpios%20do%20Estado%20do%20Rio%20de%20Janeiro%20-%202019%20-%20CEPERJ.pdf](http://arquivos.proderj.rj.gov.br/sefaz_cejperj_imagens/Arquivos_Ceperj/ceep/informacoes-do-territorio/cartografia-fluminense/Mapa%20das%20Regi%C3%B5es%20de%20Governo%20e%20Munic%C3%ADpios%20do%20Estado%20do%20Rio%20de%20Janeiro%20-%202019%20-%20CEPERJ.pdf)



Como aponta Pirró (2010), existem relatos que comprovem a história da Ilha Grande bem antes da invasão dos portugueses. Porém, em trabalhos encontrados sobre a história da Ilha Grande, muitas vezes seu início se dá junto com a invasão do Brasil pelos portugueses, lembrando apenas a presença dos índios durante esse acontecimento. Essa história é apenas a considerada “oficial” e com mais bibliografia a respeito, levantando a questão eurocêntrica e amplamente debatida nos dias hoje. Após efetuar esse resgate histórico, a pesquisa irá focar na história e cultura caiçara da Ilha Grande, que se vê, nos dias de hoje, enfraquecida e quase esquecida.

A vinda dos portugueses à Ilha Grande se dá poucos dias depois da chegada ao Rio de Janeiro. A mesma foi batizada no dia 1 de janeiro de 1502, quando Gonçalo Coelho, chefe da primeira expedição exportadora, concluiu que a Baía de Guanabara era a desembocadura de um grande rio. A baía da Ilha Grande foi confundida da mesma maneira, cinco dias depois. “Dia de Reis, em 6 de janeiro de 1502 foi descoberta a Ilha Grande pelo navegador Gonçalo Coelho.” (SOLIS, 2019, p.1)

Durante a invasão dos portugueses ao Brasil, a mesma situação se repetiu em diversos lugares do país: o encontro dos portugueses com os indígenas. Os Tamoios já habitavam a ilha em sua chegada e já a haviam batizado de “Ilha Grande” em Tupi. “Os índios tamoios lhe deram o nome Ipaum Guaçu, tão grande parecia que seus descobridores acharam se tratar de um continente tendo a seu leste a desembocadura de um grande rio.” (SOLIS, 2019, p.1) A palavra “ipaum” significa ilha e “guaçu” significa grande.

Esse registro deve-se ao aventureiro alemão Hans Staden, que assim o registrou nos mapas publicados em sua obra em 1557. Padre Anchieta, o famoso catequista dos índios brasileiros, também registrou a presença dos Tamoios na Ilha. Segundo Anchieta, eles viviam em aldeias com cerca de seis ocas, totalizando aproximadamente 150 habitantes. Eram valentes guerreiros, ótimos flecheiros, caçadores, pescadores de linha e mergulho e viviam de modo distinto dos outros indígenas do continente, além de terem a sua linguagem também diferente. (ILHA GRANDE, sem data)

Segundo Vieira de Mello (1987), citado por Silva (2001), ao longo do século em que foi descoberta pelos europeus, diversos combates se deram na região. Os portugueses aliados aos tupiniquins enfrentaram os franceses, aliados aos Tamoios. Em 1559, a coroa portuguesa resolve nomear Dom Vicente da Fonseca para administrá-la, o que só ocorre, de fato, em 1567, com o fim da guerra com os Tamoios. Por isso, apesar de Angra dos Reis ter começado a ser colonizada em 1556, publicações feitas na Europa e levantamentos cartográficos sinalizam casas em diversas localidades da Ilha, datando o real início da colonização somente entre 1725 e 1764.

Segundo Solis (2019), a partir do momento em que foi descoberta pelos europeus, a Ilha Grande passou a ser um dos locais preferidos dos navegantes não só portugueses, bem como espanhóis, ingleses, franceses e holandeses. No século XIX o povoado ali existente, chamado então Freguesia de Santana de Ilha Grande de Fora, converte-se em entreposto de tráfico de escravos, o que irá perdurar até a Abolição em 1888. A cultura da cana-de açúcar marca o início da colonização da ilha, em 1725. Em 1772, o ciclo do café teve seu período de prosperidade, até 1890. No entanto, com o término oficial da escravidão, esta última cultura entra em decadência.

Vale ressaltar que entre os séculos XVI e XIX a Ilha teve um papel de destaque na pirataria, tráfico de escravizados pelos colonizadores e contrabando de mercadorias, pois possuía os ancoradouros mais seguros e convenientes para reabastecimento de água e lenha, segundo Vieira de Mello (1987, apud SILVA, 2001). Como citado acima, navegadores de diversos países apreciavam a ilha por sua geografia que apresentava uma melhor possibilidade de fuga. O local torna-se, após a abolição da escravidão, segundo Solis (2019), propício ao contrabando de inúmeros produtos, dentre eles o pau-brasil.

Vieira de Mello (1987), ainda citado por Silva (2001), aponta que, com a independência do Brasil que ocorreu em 1822, extinguiu-se a legislação de sesmarias (lei esta que pretendia fixar os trabalhadores rurais às terras e diminuir o despovoamento) sem que qualquer outra lei a substituísse. Este fato gerou a posse de ocupação, fazendo com que houvesse uma maior pressão por terras em todo o país. Na Ilha Grande, terras abandonadas ou não foram invadidas.

A Coroa adquiriu a Fazenda do Holandês, de 1000 metros de largura, na enseada do Abraão, precisamente da Ponta do Galego até a ponte de Alfândega, atual ponte de atracação do Abraão. Logo em seguida a Coroa adquiriu também a Fazenda de Dois Rios (ibidem). O papel agregado às fazendas adquiridas freou uma maior ocupação da Ilha. Isto porque, na Fazenda do Holandês, em 1884 iniciou-se a construção de um lazareto. Este tinha por finalidade abrigar viajantes e imigrantes, colocados em quarentena ao virem de países onde ocorria o colapso da cólera.

Vários estudos vinham sendo elaborados nesse sentido quando o Imperador Dom Pedro II, no dia 5 de dezembro de 1863, fez sua primeira visita à Angra dos Reis. Em seu Diário de Viagem, que se encontra no Museu Imperial de Petrópolis, registrou com desenhos e textos a sua passagem pela Ilha Grande, não escondendo o seu encantamento pela singular beleza da Ilha. É possível que mais tarde, quando se decidiu o lugar onde deveria ser construído o lazareto, tenha prevalecido a sua vontade. (ILHA GRANDE, sem data)

Ainda segundo esta fonte<sup>4</sup>, esta obra, que terminou em 1886, contribuiu decisivamente para o desenvolvimento da Vila de Abraão que foi elevada a distrito de Angra dos Reis em 9 de maio de 1891. O funcionamento do lazareto seguia o mesmo critério adotado pelos navios de passageiros com relação as classes de passageiros: existiam pavilhões de 1ª, 2ª e 3ª classes. No estabelecimento, haviam restaurantes, armazéns para cargas e bagagens, laboratório bacteriológico, enfermaria e farmácia, além de belos jardins. O lazareto funcionou de 1886 até 1913 tendo atendido 4.232 embarcações, das quais 3.367 foram desinfetadas. “Uma barragem e um aqueduto foram erguidos para trazer água do córrego do Abraão para o Lazareto que será mais tarde desativado e que irá funcionar como prisão política” (SOLIS, 2019, p. 2).

Em 1903<sup>5</sup>, foi instalada oficialmente a Colônia Correccional de Dois Rios que serviu de presídio a pessoas julgadas por crimes comuns. Em 1940, o lazareto sofreu mais uma reforma para transformar-se então em presídio – Colônia Penal Cândido Mendes – que recebeu os presos comuns que estavam na Colônia de Dois Rios, a fim de que essa última abrigasse os presos políticos da 2ª Guerra Mundial. Paralelamente à reforma do lazareto e da prisão de Dois Rios, em 1940, foi iniciada a construção da estrada que liga Abraão a Dois Rios. A construção foi feita com mão de obra dos presos comuns. A Colônia Penal Cândido Mendes abrigou os presos comuns até 1954 quando foram transferidos de volta para o presídio de Dois Rios que mudou de nome para o mesmo, Cândido Mendes. As instalações do antigo lazareto foram demolidas por ordem de Carlos Lacerda, que na época era Governador do Estado. “Em 1994 o Instituto Penal Cândido Mendes existente em Dois Rios foi desativado pelo Governador Leonel Brizola, sendo as áreas e benfeitorias relacionadas ao referido presídio concedida à Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.” (SOLIS, 2019, p. 2)

Paralelamente aos presídios, outra atividade importante para a população da Ilha Grande era a pesca. Na década de 1930<sup>6</sup>, iniciou-se o processo de salga de peixe realizado por imigrantes japoneses. Até a década de 1970, existiram cerca de dez fábricas de salga de peixe, sardinhas prensadas e em lata ao redor da Ilha. Fábricas estas localizadas em Abraão, Bananal, Matariz, Sítio Forte, Longa, Araçatiba e Praia Vermelha. A partir dos anos 1980, houve um grande declínio nas atividades da indústria pesqueira e várias fábricas foram fechadas, a última sendo localizada na

---

<sup>4</sup> <https://www.ilhagrande.com.br/ilha-grande/historia/dom-pedro-lazareto/>

<sup>5</sup> <https://www.ilhagrande.com.br/ilha-grande/historia/presidios/>

<sup>6</sup> <https://www.ilhagrande.com.br/ilha-grande/historia/pesca/>

praia do Matariz. A população da Ilha Grande passou, então, por dificuldades econômicas, já que as poucas lavouras agrícolas ainda existentes se tornaram de subsistência. Algumas das antigas “fábricas de sardinha”, como eram chamadas localmente, foram transformadas em pousadas.

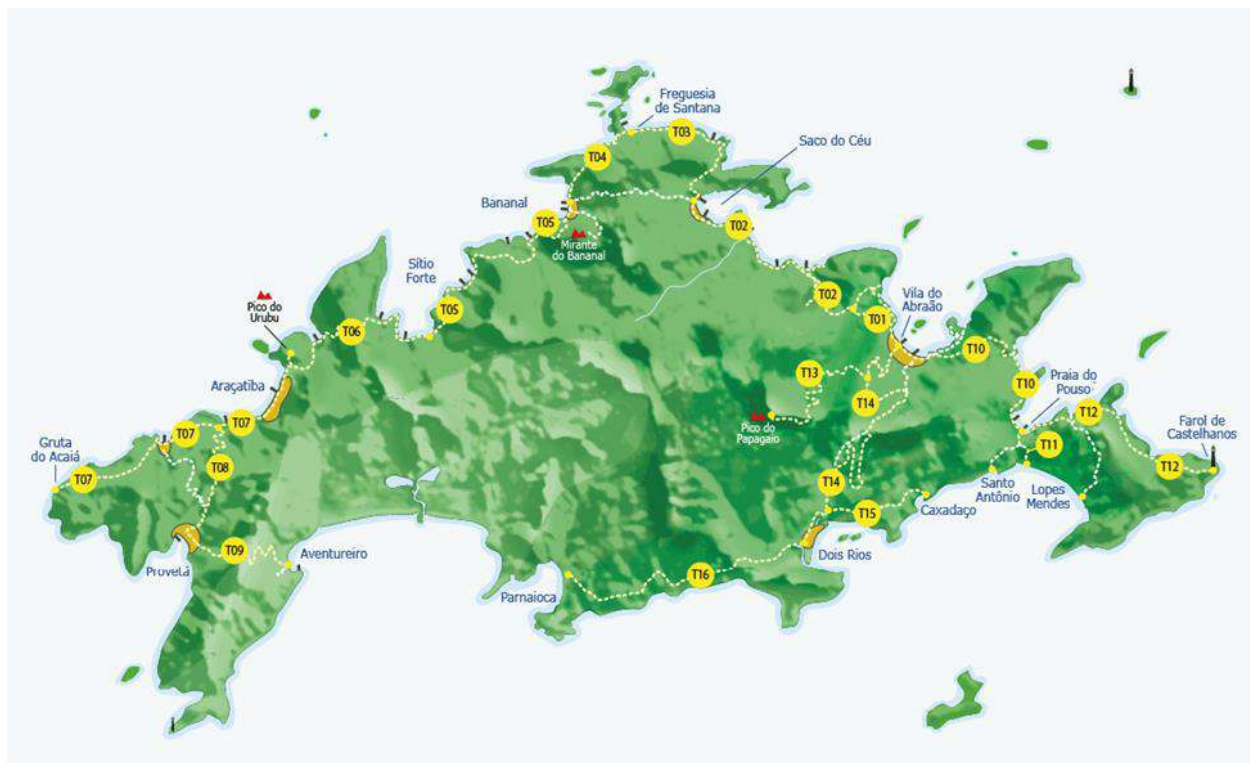
Como visto, a Ilha Grande e sua população passaram por diversas fases desde seu descobrimento. O ciclo dos presídios durou cerca de cem anos e o declínio no mercado pesqueiro local geraram grandes mudanças para a Ilha desde então. Segundo Mello, citado por Prado,

Na “história da Ilha Grande” repercutiram todos os ciclos econômicos reconhecidos na “história do Brasil”, com a formação do que se considera como a cultura caiçara. E no último século a Ilha esteve marcada por duas atividades às quais toda a população estava referida, e que eram: a pesca e as instituições carcerárias situadas nas vilas do Abraão e Dois Rios e simbolicamente condensadas na prisão da Vila Dois Rios, referida por todos como “o Presídio”, com o qual a Ilha era freqüentemente equacionada. Com a grande redução da atividade pesqueira a partir da década de 70, e com a extinção do presídio na década de 90, o turismo vem se consolidando como a atividade econômica mais importante do lugar (PRADO, 2003, p. 207, apud MELLO, 1987).

A partir deste momento, há uma crescente constante do turismo na Ilha Grande que pode ser relacionada a alguns fatores. Como citado acima, a queda no mercado pesqueiro local fez com que os moradores recorressem a outras fontes de renda. A implosão do presídio passa a atrair mais turistas à Ilha, bem como a construção da Rodovia Rio-Santos (BR 101) no início da década de 1970, e mais ainda após a sua pavimentação na década de 1980, que facilitou o acesso a mesma. Prado (2003) expõe:

Muito eloqüentes e expressivas da mudança do eixo econômico da atividade da pesca para o eixo econômico da atividade do turismo na Ilha, são algumas das antigas fábricas de sardinha hoje transformadas em pousadas, que podem ser vistas nas diferentes praias da face da Ilha voltada para o continente. Fisicamente adaptados e apropriados a uma nova função, os simpáticos prédios com um padrão arquitetônico todo peculiar indicam concretamente essa passagem: da pesca ao turismo. Mas em correlação com tal passagem, deve ser considerado um fato mais recente, e marcante na vida da Ilha Grande, que foi, em 1994, a desativação seguida da implosão “do Presídio” – o Instituto Penal Cândido Mendes, situado na Vila Dois Rios, e que ali existia desde 1903 –, fato esse visto pela maioria dos moradores e freqüentadores da Ilha como responsável por uma grande intensificação do turismo. Embora se possa discordar dessa equação direta da desativação do presídio com o aumento do turismo (Wunder, 2000), na visão local existe um consenso sobre a questão, atribuindo-se à eliminação do presídio não só o que se diz ser essa “explosão” do turismo, como também o que se diz ser a exposição da Ilha a uma verdadeira “invasão”. (PRADO, 2003, p. 4)

Todas essas transformações socioeconômicas ao longo da história da ilha, levaram a que, atualmente, identifiquem-se diversos agrupamentos de povoados na Ilha Grande, conforme mapa abaixo.



Fonte: [ilhagrande.com.br/mapas](http://ilhagrande.com.br/mapas)

Os dados sobre densidade demográfica da Ilha Grande não foram encontrados diretamente pela página do IBGE, portanto, uma pesquisa mais aprofundada permitiu localizá-los em outros trabalhos sobre o território em questão:

O município de Angra dos Reis conta uma população de 191.504 habitantes, segundo o censo demográfico realizado em 2016 pelo IBGE. A população da Ilha Grande é de aproximadamente 7.000 pessoas (dados de 2010), agrupadas em 13 núcleos e também dispersas nas proximidades de praias e costeiras. Os principais núcleos populacionais estão nas comunidades de Abraão e Provetá. Estima-se que a população residente da Vila do Abraão, que é bem flutuante, varia em torno de 3.500 a 4.000 habitantes (Jornal O Eco 2017). (MATOS, FRÓES, MILWARD-DE-AZEVEDO, 2017, p. 3)

A Vila do Abraão conta com uma população bastante flutuante, pois compreende moradores por vezes temporários que desfrutam da alta temporada para trabalhar enquanto os outros povoados da Ilha contam com uma parcela significativa de moradores nativos.

O site do IBGE informa o IDHM<sup>7</sup> - Índice de Desenvolvimento Humano Municipal, medida esta composta de indicadores de três dimensões do desenvolvimento humano: longevidade, educação e renda, variando de 0 a 1, e quanto mais próximo de 1, maior o desenvolvimento humano – de Angra dos Reis, demonstrando no gráfico abaixo uma melhora significativa do mesmo, passando de 0,492 em 1991 para 0,724 em 2010. Porém, vale ressaltar que este dado não ilustra necessariamente o Índice da Ilha Grande bem como sua evolução pois na Ilha, a realidade territorial, demográfica, cultural e estrutural difere bastante de outros lugares do Município de Angra dos Reis.



Fonte: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rj/angra-dos-reis.html>

No que diz respeito ao sistema educacional público da Ilha Grande, através do site Qedu<sup>8</sup>, sistematizam-se dez Escolas Municipais (EM) e dois Colégios Estaduais (CE) em toda a Ilha. Todos os dados recolhidos no site do Qedu e expostos a seguir, em quadro de elaboração própria, contemplam o ano de 2020.

<sup>7</sup> O IDHM brasileiro segue as mesmas três dimensões do IDH Global - longevidade, educação e renda, mas vai além: adequa a metodologia global ao contexto brasileiro e à disponibilidade de indicadores nacionais. Embora meçam os mesmos fenômenos, os indicadores levados em conta no IDHM são mais adequados para avaliar o desenvolvimento dos municípios brasileiros. Assim, o IDHM - incluindo seus três componentes, IDHM Longevidade, IDHM Educação e IDHM Renda - conta um pouco da história dos municípios em três importantes dimensões do desenvolvimento humano durante duas décadas da história brasileira.

<sup>8</sup> <https://novo.qedu.org.br/>

Escola	Local	Código INEP	Funcionários	Alunos Pré-Escola	Alunos Anos Iniciais	Alunos Anos Finais	Alunos Educ. Especial
EM Brasil dos Reis	Praia de Matariz	33037396	4	2	14	--	1
EM Ayrton Senna da Silva	Praia Vermelha	33037469	3	5	7	--	--
EM Monsenhor Pinto de Carvalho	Enseada das Estrelas	33037019	3	21	46	--	--
EM General Silvestre Travassos	Praia Grande de Araçatiba	33037418	5	2	25	67	1
EM Joaquim Alves de Brito	Bananal	33037426	3	3	8	--	--
EM Osorio Manoel Correa	Praia do Aventureiro	33037442	3	6	4	--	--
EM Pedro Soares	Praia de Provetá	33037450	5	25	81	61	--
EM Sitio Forte	Sítio Forte	33037400	3	5	4	--	--
EM Thomaz H Mac Cormick	Praia da Longa	33037477	2	2	11	--	--
EM Brigadeiro Nóbrega	Vila do Abraão	33037000	16	105	204	195	--
CE Pedro Soares	Praia de Provetá	33135860	Não informado	--	--	62	--
CE Brigadeiro Nóbrega	Vila do Abraão	33125449	Não informado	--	--	118	--

O panorama educacional apresentado acima evidencia o fato da Vila do Abraão ser o maior povoado da Ilha Grande, seguida pela comunidade da Praia de Provetá. Vale enfatizar que não há escolas em todas as praias. Portanto, algumas crianças e adolescentes precisam se deslocar de barco (adolescentes da praia do Aventureiro estudam em Provetá, por exemplo) ou de ônibus (moradores da Vila de Dois Rios vão pela antiga estrada do presídio até a Vila do Abraão para terem acesso à escola).

No que diz respeito ao IDEB<sup>9</sup> - Índice de Desenvolvimento da Educação Básica da Escola – que reúne o fluxo escolar e as médias de desempenho nas avaliações em um só indicador, apenas foram encontrados os da EM e do CE Brigadeiro Nóbrega da Vila do Abraão. O dado aponta que o 5º ano do Ensino Fundamental tem um Ideb de 5.4 e o 3º ano do Ensino Médio apenas de 4.0 em 2019.

## 2.2 A Ilha Grande e a cultura caiçara

Feita essa apresentação histórico-geográfica e educacional sobre a Ilha Grande, a pesquisa irá focar agora nas características e evolução da cultura caiçara local. Para isso, é preciso definir o termo caiçara. Gomes (2001) aponta que ainda que a etnoecologia europeia tenha garantido sua hegemonia através da dominação política e da violência física, o pensamento ameríndio sobreviveu, acrescido de novos elementos, nas práticas dos povos mestiços que começaram a se formar a partir do século XVI. O autor lembra que relatos do navegador inglês Antony Knivet, datados de 1591, mostraram a presença de “portugueses-índios” na ilha vivendo de pequenas lavouras e de animais domesticados. Adams (2000) discorre sobre a origem do termo:

O termo caiçara tem origem no vocábulo Tupi-Guarani caá-içara (Sampaio, 1987), que era utilizado para denominar as estacas colocadas em torno das tabas ou aldeias, e o curral feito de galhos de árvores fincados na água para cercar o peixe. Com o passar do tempo, passou a ser o nome dado às palhoças construídas nas praias para abrigar as canoas e os apetrechos dos pescadores e, mais tarde, para identificar o morador de Cananéia (FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA, 1992). Posteriormente, passou a ser o nome dado a todos os indivíduos e comunidades do litoral dos Estados do Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro (Diegues, 1988). (ADAMS, 2000, p. 146)

Diante disso, entende-se que a população caiçara tem origens de miscigenação entre os colonizadores portugueses, os povos originários e os negros escravizados. Além disso, Adams (2000), expõe que o gênero de vida caiçara combina a agricultura de subsistência, baseada na mandioca, com a pesca. A mesma aponta que alguns autores consideram os caiçaras como os caipiras do litoral, como Silva (1993), Pierson & Teixeira (1947) e Noffs (1988). Antonio Carlos Diegues (2002), citado por Rocha (2005) reitera que os caiçaras apresentam uma forma de vida

---

<sup>9</sup> O Ideb é calculado a partir dos dados sobre aprovação escolar, obtidos no Censo Escolar, e das médias de desempenho no Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb). Fonte: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/ideb>



baseada em atividades de agricultura itinerante, pequena pesca, extrativismo vegetal e do artesanato.

No livro “Onde deixei meu coração”, de 2011, escrito pelas autoras Alba Costa Maciel, Hilda Maria de Souza e Neuseli Cardoso, a última sendo caiçara da Vila do Aventureiro na Ilha Grande, informações preciosas sobre a cultura caiçara são repertoriadas. Maciel, Souza e Cardoso (2011) explicam que os nativos viveram por muitos anos daquilo que a natureza exuberante da ilha lhes oferecia. Os caiçaras do Aventureiro podiam ser considerados lavradores – algumas fazendas do século XIX foram reaproveitadas pelos caiçaras, utilizando suas tigueras para plantio – e pescadores. Os pescadores que ali viveram desenvolveram diversas técnicas (pesca de valente, pesca de viveiro, pesca de gancho, cerco da tainha, pesca de ardentia), sempre respeitando o ciclo da natureza, ou seja, nunca realizando uma pesca predatória como ocorreu na Baía da Ilha Grande na época das fabricas de sardinha. Além destes conhecimentos, as autoras apontam que descobriram através de um estudo desenvolvido pelo Museu Nacional, que os caiçaras do Aventureiro constroem canoas da mesma maneira que os povos originários que habitavam o local há cerca de três mil anos atrás. Apesar de fazerem uso da plaina, do machado e da enxó, as técnicas são heranças indígenas. Ainda, as autoras discorrem sobre a construção de balaios, trançados, artesanatos (remos, pilões, cestos, gamelas), sobre a agricultura familiar (plantio, colheita, preparo de farinhas) e a caça (que hoje está proibida).

Outras características citadas pelas mesmas autoras dizem respeito às relações familiares e extrafamiliares. “Não havia lideranças muito menos leis regendo o comportamento dos moradores, mas toda a trama da vida cotidiana fluía com muita harmonia e tranquilidade” (MACIEL; SOUZA; CARDOSO, 2011, p.63). Dentro dos núcleos familiares, o pai era o chefe da família, simbolizando uma sociedade já patriarcal, responsável pela sua subsistência, enquanto às mulheres cabiam todas as tarefas referentes à organização da casa e manutenção das roças. No caso da ausência do pai, elas assumiam corajosamente todas as responsabilidades. Além disso, características específicas sobre a infância e suas brincadeiras são compiladas, sobre religiosidade, danças, medicinas naturais e ancestrais, mitos e lendas, conhecimentos meteorológicos, arquitetônicos (construções de casas de pau a pique, cercas de bambu), bem como particularidades educacionais.

As principais características dessa cultura são a associação entre a pesca e a agricultura, a importância do cultivo da mandioca, e fabricação de farinha, as relações individualizadas em grupo maior e na família nuclear, a noção de uma autoridade formal, a pouca importância dada à religião oficial e ao casamento enquanto instituição civil e religiosa, o

respeito aos mais velhos, e o apego ao lugar, à praia onde cada um nasceu. Trata-se, pois, de um conjunto de valores, visões de mundo, práticas cognitivas e símbolos compartilhados que orientam os indivíduos em suas relações entre si e com a natureza e que se expressam em produtos materiais (tipos de moradia, embarcação, instrumento de trabalho) e não materiais (linguagem, música, dança, rituais, mitos). (NOGARA, 2005, apud MACIEL, SOUZA, CARDOSO, 2011, p .63).

A partir desta citação e dos relatos sobre os caiçaras da Vila do Aventureiro, percebe-se que, apesar de alguns traços culturais diferirem entre uma comunidade caiçara e outra, todas têm características identitárias bastante parecidas. Características estas que estão em sintonia com a natureza e a sua preservação.

Vivendo entre a Mata Atlântica e o mar, estuários, mangues, restingas e lagunas, usando recursos naturais para reproduzir seu modo de vida, os caiçaras mantiveram um território rico em diversidade biológica e cultural. Desempenharam papel de guardiães da natureza, na medida em que ocupam, há séculos, os mesmos espaços, sem esgotar suas possibilidades, sem degradá-los (NOGARA, 2005, apud MACIEL, SOUZA, CARDOSO, 2011, p .52)

Prado (2003) expõe que a cultura caiçara originária passou a coexistir com uma economia baseada na pesca para comercialização (décadas de 1930 a 1970); com a implantação de unidades de conservação impondo uma série de restrições em termos da ocupação e uso do território (a partir da década de 1970); com a presença de presídios e de uma cultura policial, que passou a equacionar-se com a Ilha (do final do século XIX até a década de 1990) e que essa sucessão culmina com a guinada brusca para o turismo, que se deu na década de 1990, relacionada, em parte, com a desativação do presídio.

Cavalcante e Rosso (2016) pontuam, na mesma lógica, que com a desativação definitiva das instalações carcerárias da Vila Dois Rios na década de 1990, a Ilha Grande se transformou em um polo turístico, atraindo a cada ano maior número de visitantes. Simultaneamente, alimentava-se a ideia da Ilha Grande como paraíso ecológico a ser preservado, uma riqueza natural inestimável para o Brasil. Por este motivo, a Constituição Federal de 1988 elevou a patrimônio nacional as zonas costeiras brasileiras e a Mata Atlântica, sendo a Ilha Grande incluída na Reserva da Biosfera da Floresta Atlântica pela UNESCO em 1992.

Ainda segundo essas autoras, a implantação de unidades de conservação impôs uma série de restrições à ocupação e uso do território, alterando significativamente a vida das populações caiçaras. O sistema da cultura caiçara, baseado na subsistência através da roça, da pesca e do extrativismo, passou a sofrer algumas restrições pela legislação. Dessa forma, a população

tradicional, os habitantes nativos passaram a ser tidos como ameaça em potencial visto que, ao utilizar a natureza como fonte de suas necessidades, estava indo de encontro às leis ambientais vigentes. Assim, o intenso fluxo turístico na Ilha aliado às ações de preservação da natureza provocou significativas mudanças no modo de ser caiçara, ameaçando uma tradição e uma cultura local que é parte da história da Ilha Grande. Cavalcante e Rosso (2016) enfatizam:

Os caiçaras representam um forte elo entre o homem e seus recursos naturais, constituindo em um raro exemplo de comunidade harmônica com o seu ambiente. A perda dos referenciais caiçaras da Ilha Grande causa enorme prejuízo cultural para todos devido ao vasto e complexo conhecimento agregado a essa cultura (CAVALCANTE E ROSSO, 2006, p. 4).

Vale ressaltar aqui que a comunidade do Aventureiro passou por mudanças radicais de modo de vida a partir de iniciativas de preservação da natureza. O depoimento das autoras citadas acima no livro “Onde deixei meu coração” evidencia as contradições entre as novas legislações e o modo de viver caiçara que até os dias de hoje, fora e ainda é inofensivo à natureza.

Feita essa contextualização da Ilha Grande, compreendemos as diversas mudanças que atravessaram este território a partir das ações do homem, desde a invasão portuguesa. A descrição dessa conjuntura se fez necessária para apresentar a localidade em que a pesquisa de campo a seguir se desenvolveu. Visto que a educação não formal considera as idiossincrasias de cada contexto para se formular, perceber as fases e heranças culturais do território em que se desenvolvem os projetos estudados se fez imprescindível.

### **CAPÍTULO 3.**

## **PROJETOS PEDAGÓGICOS NA VILA DO ABRAÃO E A PERSPECTIVA DAS FAMÍLIAS ATENDIDAS**

Neste capítulo apresentamos os resultados da pesquisa de campo em que foram realizados tanto o mapeamento dos projetos educacionais não escolares existentes na Vila do Abraão, quanto as suas características, assim como a perspectiva das famílias das crianças e adolescentes moradoras na vila com relação a esses projetos.

### **3.1. Que projetos pedagógicos não escolares existem na Vila do Abraão?**

Após efetuar o levantamento de dados sobre a história, a geografia, as diferentes ofertas escolares e a cultura da Ilha Grande, o terceiro e presente capítulo pretende apresentar a pesquisa de campo desenvolvida na Vila do Abraão. Pesquisa cujo objetivo central foi mapear os projetos educacionais nela existentes. Mapear, em um primeiro momento, no sentido de descobrir seus atores, seu público-alvo e suas intenções, com enfoque em entender se estes demonstram preocupação em perpetuar a cultura tradicional local. Em um segundo momento, a pesquisa visou sistematizar se os projetos desenvolvidos cumprem com as expectativas das famílias das crianças e adolescentes moradoras da Vila do Abraão.

A primeira parte da pesquisa desenvolveu-se por meio de um questionário formulado por questões abertas que aspiravam respostas em que os respondentes tivessem liberdade para explicar e descrever o solicitado com suas próprias palavras. Em primeira instância, a intenção teria sido encontrar os principais atores do projeto pessoalmente e realizar a pesquisa em formato de entrevista. Porém, a atual pandemia causada pelo novo Coronavírus impossibilitou este encontro. Primeiramente pelo distanciamento social necessário em decorrência do vírus, bem como pelo fato da internet da Ilha Grande ser bastante instável, dificultando entrevistas virtuais. A partir dessas circunstâncias, um questionário foi enviado pela internet (via Whatsapp e e-mail), na intenção de conseguir comunicar com o máximo de participantes possível.

O questionário foi composto por vinte três perguntas. As três primeiras questões pretendiam identificar o respondente (nome, profissão e se o indivíduo em questão mora ou não na vila e há quanto tempo) para em seguida descobrir o projeto. Com o propósito de esmiuçar as

características de cada projeto, vinte perguntas foram elaboradas. O contato com os projetos encontrados na Vila do Abraão aconteceu durante os meses de março, abril e maio de 2021, período este em que oito questionários foram respondidos. Por causa disso, não temos evidências de que existem apenas esses nove projetos no local.

Primeiramente, os respondentes informaram o nome dos projetos, identificando assim os seguintes: Brigada Mirim Ecológica da Ilha Grande; Educação Solidária, Plantou Colheu; Encult; 43º Grupo de Escoteiros Florestais Aventureiros da Ilha Grande; Escola Social de Vela da Ilha Grande; Voz Nativa; VAA Ilha Grande.

Em seguida, o questionário investigou as motivações e data de criação (bem como entender se o projeto ainda está em desenvolvimento) e os atores dos projetos. Logo após, seus objetivos.

Segundo R.<sup>10</sup>, analista administrativo e morador da Vila do Abraão há 11 anos, a Brigada Mirim Ecológica da Ilha Grande foi fundada há 32 anos e continua em desenvolvimento nos dias de hoje. Foi criada com a motivação primária de preservação e diminuição do impacto ambiental em decorrência do crescimento populacional na Ilha Grande, bem como impactar de forma positiva a vida dos jovens ilhéus, através da educação ambiental, da capacitação e do convívio em sociedade. A ONG (Organização Não Governamental) foi fundada por Armando Klabin, que atualmente segue sendo o principal contribuinte para o mantimento das atividades e está no cargo de Diretor Presidente da Organização. Porém, R. ressalta a importância da presença de moradores nativos no início da construção do projeto. O principal objetivo da ONG, além dos citados como motivações para a criação do projeto, são os de preservar e conscientizar turistas e moradores da Ilha Grande, através de atividades socioambientais e, portanto, se caracteriza como um projeto de cunho educacional.



---

<sup>10</sup> Será garantido o anonimato de todos os informantes no objetivo de conservar o sigilo de pesquisa.

Segundo E., graduada em Filosofia, educadora da Educação Básica, além de atuante como produtora e jornalista, moradora da Ilha Grande desde 2008 e da Vila do Abraão há 5 anos, relembra que o Coletivo Educação Solidária, que existe desde 2005, nasceu de uma contradição imposta pelo poder público, uma vez que os professores ficaram sem receber seus salários por um período de três meses. Ao terem sido colocados nessa situação, os professores decidiram, em assembleia de sua categoria, Sindicato Estadual dos Profissionais da Educação – SEPE núcleo Angra/Paraty, iniciar uma greve. Esse fator motivou os moradores da Vila, principalmente as mães, a se reunirem no intuito de entender e debater os meios para amenizar essa contradição. Em um primeiro momento, desenvolveram em conjunto atividades para as crianças do local. As atividades foram inicialmente desenvolvidas dentro dos muros da escola (sem os professores, que continuavam em greve) para que os pais pudessem continuar trabalhando. Em seguida, a criação de um grupo de WhatsApp reuniu os interessados em pensar e discutir sobre a escola e a educação como um todo nesse território. Progressivamente, agregaram-se comunitários em geral, mães de alunos, profissionais da educação, e outras pessoas de instituições ligadas à educação e instituições de pesquisa da Ilha Grande com o fim de estimular a comunidade. Comunidade esta que tem suas origens culturais ligadas à cultural tradicional, a tomar parte nos processos que incidem sobre ela, notadamente a educação. Nesse sentido, a existência do coletivo Educação Solidária é eminentemente educativa e, inclusive, cita Paulo Freire, quando ele diz: “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, as pessoas se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (Pedagogia do Oprimido), associando esta citação ao projeto que carrega objetivos como os de criar espaços onde a coletividade seja vista como oportunidade de solidariedade, de divergência e construção, de escuta atenta e de compartilhamento para que o grupo compreenda que pode e deve ter voz e vez nas políticas públicas que os afligem.

---

<sup>11</sup> <https://www.facebook.com/brigadamirimecologica/photos/a.1801752376715964/1846056572285544/>



Fonte: Facebook da Educação Solidária<sup>12</sup>

A., bióloga e empresária, moradora do Abraão desde o ano 2000, apresenta o projeto Encult, existente desde 2016 e que se desenvolve de forma contínua, fomentando e valorizando a cultura caiçara como patrimônio imaterial. Ele é desenvolvido por diversos atores que são responsáveis por diferentes ações, em diversas localidades da Costa Verde. O Encult se define como um projeto educativo e cultural, com o objetivo de promover intercâmbio cultural, fortalecendo a cultura tradicional e o turismo de base comunitária.



Fonte: Facebook da Arena Cultural da Ilha Grande<sup>13</sup>

---

<sup>12</sup> <https://www.facebook.com/EducACAO.SOLIDARIA/photos/209212283071732>

<sup>13</sup> <https://www.facebook.com/photo?fbid=4770728516287028&set=gm.4123674431005120>

M., policial penal, morador da Vila do Abraão há 55 anos, foi um dos criadores do projeto 43º Grupo de Escoteiros Florestais Aventureiros da Ilha Grande. Sua motivação e de seus colegas (J., L. e C.) ao criar esse projeto há três anos, foi o de proporcionar às crianças e adolescentes da Vila do Abraão uma filosofia de vida voltada para respeito à família, ao próximo, a pátria e ao meio ambiente.



Fonte: Facebook do Grupo de Escoteiro Florestais Aventureiros da Ilha Grande<sup>14</sup>

L., que apesar de ter saído da Ilha Grande para se formar em Técnico em Eletrônica e Transmissão de Dados e Analista de Sistemas de Informação, manteve forte laços com o local e voltou a morar na Vila do Abraão. Além de ser Mestrando em Engenharia Ambiental, é velejador profissional. A Escola Social de Vela da Ilha Grande foi criada em novembro de 2020 no intuito de utilizar seu conhecimento e exemplo como velejador como ferramenta de transformação de crianças e adolescentes em adultos conscientes e saudáveis, ampliando suas visões de mundo e seus conhecimentos técnicos para abrir novas oportunidades que não àquelas já existentes na Ilha Grande. Além disso, enfatiza que, com a diluição da cultura ancestral caiçara, uma das vertentes do projeto é resgatar a cultura da vela levando em consideração que ele se desenvolve em um local que o transporte de produtos agrícolas e a pesca desenvolvida eram em canoas à vela. L., idealizador e coordenador do projeto, conta com o auxílio da Associação de Moradores de Abraão (AMA), que faz o suporte contábil, recebendo as doações, controlando os gastos e servindo de base legal para a recepção de recursos financeiros. Conta também com as empresas VAA Ilha Grande Clube e Lonier, que emprestaram o espaço para armazenar os equipamentos e fazerem frequentes manutenções nas embarcações. A Pousada Caiçara montou uma estrutura para as aulas

---

<sup>14</sup> <https://www.facebook.com/grupodeescoteiro/photos/a.278284049342274/332211390616206/>



teóricas como forma de apoio ao projeto. No momento, o coordenador do projeto conta com apenas um voluntário fixo para ajudá-lo nas aulas. O público-alvo do projeto são crianças e adolescentes entre 6 e 17 anos. Portanto, o projeto é um projeto educacional que, através da vela, pretende também mostrar a importância do meio ambiente e da cultura tradicional.



Fonte: Instagram da Escola Náutica da Ilha Grande<sup>15</sup>

J., morador da Ilha Grande há 16 anos, é o idealizador do projeto VAA Ilha Grande, que oferece aula de canoa havaiana para jovens de 5 a 13 anos. Ele já havia desenvolvido um projeto social de surf em São Paulo, e ao chegar à Ilha, conta que as crianças do local brincavam de pular do cais enquanto os barcos faziam manobras e observar este fato que considerava perigoso, o motivou a reunir as crianças para atividades físicas, mais especificamente a canoa neste momento do dia. Na época, não recebeu o apoio necessário e o projeto não foi adiante. No ano passado, em 2020, com o apoio da Escola Social de Vela e do 43º Grupo de Escoteiros Florestais Aventureiros da Ilha Grande, pôde voltar a desenvolver as atividades de canoa. Os objetivos do projeto vão além de apenas ensiná-los a remar. O coordenador do projeto enfatiza a importância do esporte na transformação das crianças e adolescentes, e visa também uma reeducação ambiental para que os jovens tomem consciência do valor da natureza em que vivem.

---

<sup>15</sup> [https://www.instagram.com/p/CO\\_VY1VDagI/](https://www.instagram.com/p/CO_VY1VDagI/)



Fonte: Facebook do Va'a Ilha Grande Canoe Club<sup>16</sup>

R., antropólogo, não está atualmente morando na Ilha Grande. O projeto Voz Nativa, que aconteceu entre 2002 e 2003 como projeto de extensão da UERJ e novamente em 2014 à 2016, com patrocínio da Petrobras teve por objetivo oferecer atividades de formação em turismo de base comunitária para juventude caiçara e moradora da Ilha Grande, fomentando o protagonismo dos jovens no desenvolvimento turístico local, além de promover espaços de fala e resgate da memória da cultura caiçara. O projeto manteve sua sede na Vila do Abraão, comunidade com maior investimento de atividades, mas se estendeu em outras comunidades da Ilha, realizando oficinas, cursos e atividades no Saco do Céu, Araçatiba, Praia Vermelha e Provetá. A distribuição de jornais e a participação em reuniões se deu em quase todas as comunidades da Ilha (Palmas, Bananal, Matariz, Longa, Dois Rios). O projeto realizado teve parceria com a ONG ambientalista Alternativa Terrazul, e o LTDS – Laboratório Tecnologias, Diálogos e Sítios da COOPE/UFRJ, além de ter sido parcialmente realizado com parceria local da Brigada Mirim Ecológica da Ilha grande e das Escolas Públicas do Abraão e de Provetá, além de receber o apoio de associações de moradores, da UERJ e empreendedores locais. O projeto de cunho educativo teve entre suas finalidades oferecer cursos e oficinas em turismo de base comunitária, línguas e a produção de um jornal comunitário intitulado Voz Nativa, além de publicar histórias sobre a cultura caiçara e promover encontros entre moradores nativos e jovens das diferentes praias da Ilha.

---

<sup>16</sup> <https://www.facebook.com/vaailhagrande/photos/a.110135593855986/110147410521471/>



Fonte: Facebook da Voz Nativa – Ilha Grande/RJ<sup>17</sup>

AC. E MJ., em conjunto com outros três colegas desenvolvem o projeto Plantou, Colheu há cerca de cinco anos. Projeto este que nasceu na intenção de fortalecer e disseminar nas comunidades da Ilha Grande a cultura dos costumes caiçaras, além da conscientização social, ambiental e cultural da região. O projeto se desenvolve predominantemente na Vila do Abraão, mas há a tentativa de expandi-lo para outras comunidades da Ilha. O projeto, de cunho educativo, apresenta ações que instiguem nas crianças conhecimentos ancestrais e tradicionais, na tentativa de semear essa consciência desde a pequena idade.



Fonte: Facebook do Plantou Colheu<sup>18</sup>

Considerando esses projetos podemos confirmar que, “com a escola coexistem muitos e variados mecanismos educacionais” (TRILLA, 1996 apud ALMEIDA, 2014, p. 19). Dessa forma, entende-se que, além da educação informal e da educação escolar em si – ainda que seja uma das

---

<sup>17</sup> <https://www.facebook.com/juventudeprotagonistarij/photos/a.199881363493186/323965527751435/>

<sup>18</sup> <https://www.facebook.com/photo?fbid=105364309875756&set=a.105364326542421>

esferas para a formação plena e integral de um indivíduo – considera-se que esses projetos de educação não escolar são tão fundamentais quanto.

Os projetos em questão são iniciativas em que o agente do processo de construção do saber é “o outro” com quem se interage, forte característica da educação não-formal colocada por Gohn (2006). Além disso, os espaços educativos dessa modalidade educacional “localizam-se em territórios que acompanham as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos, fora das escolas, em locais informais, locais onde há processos interativos intencionais” (GONH, 2006, p.29), sendo esta uma marca de todos os projetos entrevistados, projetos estes que se desenvolvem nas praias, praças e na Casa de Cultura da vila.

Outra característica significativa da modalidade da educação não formal, citada por Gohn (2006), é que esta acontece em situações de interação construídas por um coletivo com diretrizes próprias e que a participação, regra geral, é voluntária e intencional. Ao transpor essas particularidades aos projetos estudados, observa-se que elas constam em cada um deles, pois são desenvolvidos por um coletivo com suas próprias diretrizes que incentivam os participantes a estarem presentes em suas ações, estes comparecendo voluntariamente.

Ainda nesse sentido, a autora aponta que essa modalidade de educação não é organizada por séries, idade ou conteúdos, mas atua sobre aspectos subjetivos do grupo. A atuação dos projetos leva em conta o contexto das crianças e jovens moradores de uma Vila outrora majoritariamente caiçara, além de sua marcante particularidade insular. A partir dessas subjetividades, desenvolve atividades que contemplem essa situação, e pretende formá-los e transformá-los a partir desse contexto sem dividi-los em grupos demarcados por idade.

No decorrer das entrevistas, questões apontadas pela mesma autora sobre os objetivos da educação não formal foram respondidas, na intenção de entender se os projetos se encaixam nessa modalidade. A educação não formal, como dito acima, atua sobre aspectos subjetivos de um determinado grupo. Por este motivo, as questões foram formuladas a partir do contexto específico da comunidade insular estudada. A primeira pergunta após a identificação de cada projeto, foi “Você considera importante a cultura caiçara da Ilha Grande?” com o intuito de analisar se os projetos desenvolvidos na comunidade insular específica consideram a cultura tradicional importante a ponto de contemplá-la em seus trabalhos. Nisso, todos os projetos responderam positivamente.

Em seguida, o foco das questões foi relacionado aos objetivos da educação não formal colocados pela mesma autora. Segundo Gohn (2006), aspectos como por exemplo, trabalhar a cultura política de um grupo, desenvolver laços de pertencimento, ajudar na construção da identidade coletiva do grupo e da cidadania do mesmo, colaborar para o desenvolvimento da autoestima dos indivíduos, fundamentar-se no critério da solidariedade e identificação de interesses comuns, são intenções-chave da educação não formal. A partir disso, diversas perguntas foram formuladas (a totalidade das questões encontra-se no anexo 1 ao fim deste trabalho).

“Seu projeto contribui para o reconhecimento das identidades tradicionais/caiçaras? Se sim, de que maneira?” No que diz respeito ao reconhecimento das identidades tradicionais, todos os projetos responderam contribuir para seu reconhecimento. Como visto no início deste capítulo, alguns nasceram dessa premissa e o têm como foco central dos seus projetos, enquanto outros, apesar de reconhecem a cultura caiçara como fundamental (no sentido de grande fonte de conhecimento), esta aparece em segundo plano do projeto.

O coletivo Plantou Colheu reconhece contribuir pelo reconhecimento da cultura caiçara através da arte na medida em que constrói uma galeria a céu aberto, convidando artistas a deixarem suas obras pelos muros da Vila do Abraão representando pessoas que foram de extrema importância para a comunidade caiçara local. Além disso, outra ação que demonstra o entusiasmo para o reconhecimento dessa cultura, foi a produção de um documentário que narrou a história de um tradicional e pequeno estaleiro para barcos no canto direito da Praia do Abraão, estaleiro este que sofria ameaças de ser desativado. O alcance do documentário o poupou, mantendo a fonte de renda de uma parcela dos moradores que segue uma vida ainda bastante tradicional, bem como deu visibilidade a essa cultura nas redes sociais.



As fotos acima (que estão no Facebook do coletivo Plantou Colheu) ilustram uma ação desenvolvida em 2018, que propunha uma atividade direcionada para crianças e as incentivavam a construir tambores a partir de materiais recicláveis. Em maio de 2021, esta ação aconteceu novamente com a participação de adultos e crianças na Casa de Cultura da Vila do Abraão, como demonstram as fotos abaixo.



Outras atividades artísticas como pinturas nos muros da Vila estão disponíveis nas redes sociais do coletivo. Pinturas estas que representam personagens caiçaras de grande importância para a comunidade ou animais nativos. O enfoque do coletivo no que diz respeito ao registro de suas ações está em desenvolver pequenos filmes, há diversos vídeos disponíveis em suas redes onde além de explicarem quem e como realiza a arte nos muros, apresentam a história de alguns personagens representados<sup>19</sup>.



<sup>19</sup> <https://www.instagram.com/tv/B7cHCbZIsZR/>

Artista Cazé, Fotógrafo Hugo. Fonte: Instagram do Plantou Colheu<sup>20</sup>.

O projeto Educação Solidária reconhece a importância da cultura tradicional da Ilha Grande e percebe sua desvalorização nos últimos anos. Por este motivo, pretende dar visibilidade ao modo de ser e viver caiçara entendendo que são grandes detentoras de sabedoria no que se refere a lidar com a natureza. O coletivo contribui para o reconhecimento das identidades tradicionais ao levantar as vozes dos caiçaras e comunitários e levar suas demandas para diferentes instâncias: a escola, a grupos de pesquisas de universidades, seminários, reuniões e audiências públicas, por exemplo.

O evento observado na foto abaixo havia sido cancelado pois tinha sido planejado para ser realizado de forma presencial. A pandemia causada pelo Covid-19 impediu este acontecimento. Alguns meses depois, o coletivo organizou em colaboração com outros da Costa Verde, a Etapa Ilha Grande do Circuito Fluminense de Cultura Popular e Economia Solidária da Costa Verde que aconteceu de maneira virtual.



Fonte: Facebook do Educação Solidária

A Brigada Mirim Ecológica da Ilha Grande reconhece a importância da cultura caiçara por ser a identidade originária do local e contribui para seu reconhecimento incentivando os jovens

<sup>20</sup> <https://www.instagram.com/p/B61gGrtlWvH/>

que participam do projeto pesquisarem sobre a história e cultura do local que muitas vezes é a história e cultura de suas famílias. Além disso, desenvolve atividades de maricultura, horta e de proteção ao meio ambiente, fortes características da cultura tradicional.



Fonte: Facebook Brigada Mirim Ecológica da Ilha Grande

Algumas vezes ao ano, a Brigada Miriam organiza mutirões de limpeza na praia de Lopes Mendes, praia esta considerada uma das mais bonitas do mundo.

O projeto Voz Nativa contribuiu para o reconhecimento da cultura tradicional na medida em que articulou o encontro e as trocas entre diferentes comunidades da Ilha Grande para desenvolver atividades de valorização desta cultura, além de publicar livros sobre a história caiçara: Guia de Culinária Badjeca (badjeco é o nome dado ao caiçara da Ilha Grande); Voz Nativa, uma experiência de comunicação e turismo de base comunitária na Ilha Grande; Histórias vividas na Ilha Grande – pelos antigos da Ilha; bem como diversas edições do Jornal Voz Nativa, com informações sobre as diferentes comunidades da Ilha. Ainda, uma parceria foi desenvolvida com as os Colégios Municipais Pedro Soares (Provetá) e Brigadeiro Nóbrega (Abraão) para a publicação de um livro que reúne textos de dezenas de jovens do Ensino Médio da Ilha Grande em que contam a história de caiçaras ainda vivos e suas próprias histórias de vida, expondo como é ser jovem na Ilha hoje.





Fonte: Facebook da Voz Nativa – Ilha grande/RJ

O projeto Encult, desenvolvido em diversas localidades da Costa Verde, incluindo a Vila do Abraão, considera de suma importância a cultura caiçara e contribui para seu reconhecimento promovendo intercâmbios culturais. Alguns exemplos de suas ações desenvolvidas em prol do reconhecimento da cultura tradicional são: Capoeira, Jongo, Forró Caiçara, Folia de Deus, Rodas de Ciranda, Cantos indígenas, entre outros.

O projeto 43º Grupo de Escoteiros Florestais Aventureiros da Ilha Grande; Escola Social de Vela da Ilha Grande; VAA Ilha Grande, de propósito educativo, compreendem a importância da cultura tradicional. O que os difere dos outros projetos, é o fato de não terem nascido desse pressuposto específico. São projetos que contribuem para o fortalecimento da identidade caiçara através de atividades e palestras que visam mostrar aos jovens a importância do meio ambiente e as maneiras que os povos nativos conviviam em harmonia com este. Os objetivos primários são de transformar as crianças e os jovens a partir dos esportes. No caso dos escoteiros, outros conhecimentos como o de sobrevivência na mata e no mar são visados. Porém, os três projetos estão cada vez mais próximos, criando uma parceria para trabalhar em conjunto no intuito de oferecer atividades diversas aos participantes, como visto nas fotos abaixo.



Fonte: Instagram da Escola Social de Vela da Ilha Grande

Visto que Maria Gohn (2006) reflete sobre a importância de desenvolver laços de pertencimento, ajudar na construção da identidade coletiva do grupo e da cidadania do mesmo dentro das propostas de educação não formal. Para analisar esta característica nos projetos estudados, a questão “Seu projeto lembra regras éticas relativas às condutas aceitáveis socialmente e/ou a consciência e organização de como agir em grupos coletivos?” foi formulada. As respostas demonstraram que todos os projetos pretendem desenvolver estas características.

A Brigada Mirim Ecológica da Ilha Grande diz apoiar iniciativas coletivas, no sentido do bem-estar e estimulando o respeito dos diferentes pensamentos/opiniões e além de contribuir para a formação dos brigadistas como cidadãos. As atividades coletivas de cunho socioambiental como a limpeza de trilhas e a conscientização ambiental se propõe a trazer a consciência da importância do meio ambiente não só do grupo de jovens que dele participa, mas também aos demais grupos que a ONG convida para algumas atividades.

O projeto Educação Solidária traz esses aspectos como maior nó de sua existência: aprender a conviver. Compreendendo não ser uma tarefa de fácil realização, principalmente dentro das instâncias do sistema capitalista, que estimula o individualismo, a competição e a meritocracia, o projeto preza por um processo de escuta atenta em seu grupo bastante heterogêneo.

O projeto Voz Nativa, baseado no conceito de turismo de base comunitária e desenvolvimento de povos e comunidades tradicionais expressa essas características em suas ações.

O projeto dos 43º Grupo de Escoteiros Florestais Aventureiros da Ilha Grande; Escola Social de Vela da Ilha Grande; Voz Nativa; VAA Ilha Grande trabalham este conceito para a união de seus grupos a partir da própria característica heterogênea atual da população infanto-juvenil da Vila do Abraão.

O projeto Plantou, Colheu declara não ter esse pretensão como objetivo primário, mas acredita no potencial da arte para conduzir os indivíduos por um caminho que os transformará em cidadãos éticos.

No que diz respeito à colaboração para o desenvolvimento da autoestima dos indivíduos, todos os projetos responderam prezar pela mesma, visto que estão em contato com jovens em formação e entendem a importância da autoestima não só para a aprendizagem, mas para tomarem as rédeas de suas decisões.

Em relação à finalidade da educação não formal (Ibidem) que se propõe em “abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais, capacitando os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo”, os projetos reconhecem que incentivam este aspecto na medida em que agregam conhecimentos diversos e dessa forma ampliam as visões de mundo dos jovens envolvidos.

Os projetos em foco necessitam ajuda financeira para que tenham a possibilidade de se expandir, com a exceção de um. A Brigada Mirim Ecológica conta com a ajuda financeira que precisa para se desenvolver da forma em que foi almejada, ONG fundada na Vila do Abraão com o investimento de iniciativas públicas e privadas. Os outros projetos sobrevivem a partir de pouco ou nenhum financiamento, com doações esporádicas e através de editais como o da Lei Aldir Blanc. Nesse sentido, vale refletir se este seria o único caminho possível para que todos os projetos tivessem a oportunidade de se expandir. Seria relevante considerar outras possibilidades para custeá-los. Investimentos públicos ou de empreendedores e comerciantes locais, por exemplo. Todavia, seria fundamental que os projetos tivessem maior visibilidade para conseguirem mais apoio e por consequência, ampliarem suas atividades.

### **3.2. Qual é a perspectiva das/dos ilhéus sobre esses projetos pedagógicos? A visão das famílias**

O segundo questionário desenvolvido para a presente pesquisa direcionou-se a mães e pais moradores da Vila do Abraão. Através deste, algumas intenções foram visadas. Inicialmente, compreender se as crianças participam dos projetos oferecidos atualmente na Vila. Além disso, perceber se os projetos contemplam suas expectativas em relação às atividades proporcionadas para as crianças do local ou se desejam que outros projetos fossem criados. Para atingir estes objetivos, as seguintes perguntas foram desenvolvidas (a totalidade das questões encontra-se no anexo 2 ao fim deste trabalho). Este questionário foi divulgado por e-mail e por WhatsApp devido a atual pandemia causada pelo Covid-19 durante o mês de junho de 2021.

Dentre os respondentes, apenas 1 pai participou da pesquisa enquanto 13 mães retornaram o questionário. Diante disso, vale enfatizar que o presente cenário ilustra a realidade de que as mães costumam ser as responsáveis majoritárias pela educação das crianças.

Não são poucos os estudos que têm mostrado a universalidade e a persistência de uma divisão sexual do trabalho, que atribui aos homens principalmente as atividades de caráter produtivo, geradoras de renda e desenvolvidas no espaço público, e às mulheres as tarefas reprodutivas, por elas entendendo-se tanto os cuidados com o bem-estar físico e emocional dos membros da família – incluindo alimentação, limpeza, vestuário, higiene pessoal e saúde física e mental – quanto aos cuidados com a própria moradia e com a criação e educação de seus filhos. (BRUSCHINI; RICOLDI, 2009, p. 95)

No que diz respeito à idade das crianças, variam entre 2 e 17 anos. Três crianças de 2 anos, duas de 4 anos, uma de 5 anos, duas de 6 anos, uma de oito anos, uma de 9 anos, uma de 11 anos, duas de 13 anos, uma de 14, uma de 17 anos. Onze dentre elas são filho(a) único(a) e duas mães têm dois filhos.

No que diz respeito à educação formal/escolar, as três crianças de dois anos não estão matriculadas em nenhuma escola pois a única creche (pré-escola) que existe na Vila do Abraão, de iniciativa privada (vale ressaltar que grande parte da parcela de moradores da vila não possui condições financeiras para pagar a creche para seus filhos), está fechada devido à pandemia. Três crianças não estudam na Ilha e frequentam uma escola da cidade de Angra dos Reis (9, 13 e 17 anos). Nesse sentido, vale refletir sobre os porquês de não frequentarem a escola da Vila e as consequências que as afligem a partir disso - em relação ao tempo que levam de deslocamentos diários para estudar, a mobilização familiar impactada por terem de levantar-se mais cedo, a implicação gerada ao sair do contexto socioambiental insular diariamente, por exemplo. As crianças menores não frequentam a escola ainda e as demais estudam na Escola Municipal Brigadeiro Nóbrega.

As mães dos filhos de dois anos afirmam que não existe nenhum projeto que contemple essa idade e por isso não participam de nenhum. Desse modo, as três gostariam que projetos voltados para crianças menores fossem desenvolvidos, duas delas pensaram em atividades que envolvessem música e instrumentos enquanto a terceira pensou em futebol, natação, pintura e dança.

Algumas mães declaram que as crianças participavam de atividades como jiu-jitsu, capoeira, futevôlei, escotismo e futebol, mas não frequentam mais devido à atual pandemia. Em contraponto, duas mães afirmam não existirem projetos gratuitos para as crianças e por este motivo não participam de nenhum. Este dado levanta uma questão importante sobre a maneira que os projetos se comunicam com a comunidade local – como são divulgados e com que frequência acontecem. Uma das mães sugere atividades de canoagem, por exemplo, atividade esta ofertada por um dos projetos estudados no presente trabalho e desconhecida por uma moradora da Vila. Um dos adolescentes não frequenta as atividades, pois estuda em Angra e a falta de tempo não o permite – carência esta gerada pelas horas gastas em transportes e pela grande demanda de atividades da própria escola em deveres de casa - voltando à questão dos impactos trazidos pelo deslocamento para um estudo que as mães considerem de qualidade.

De modo geral, as sugestões de atividades que desejariam ver implementadas na Vila do Abraão abrangem majoritariamente esportes e recreação (basquete, natação, circo) além computação e inglês, enquanto apenas uma mãe sugere atividades sobre a cultura local e educação ambiental. Acentua-se aqui, uma questão importante no que diz respeito aos interesses almejados para as crianças. Esportes para o desenvolvimento físico e a saúde são fundamentais. Diante da realidade que vivemos hoje, é evidente a necessidade de que os jovens dominem áreas de informática e línguas como o inglês. Visto que a Vila do Abraão vive quase que exclusivamente do turismo, estes dois setores são de suma importância. Este fato levanta também a importância da educação ambiental para que o futuro da Ilha Grande possa estar nas mãos de indivíduos conscientes no que concerne o meio ambiente – só haverá trabalho turístico neste território enquanto a natureza sobreviver, portanto, há de ser um aspecto fundamental na formação dos futuros trabalhadores locais.

Em relação à cultura local, pouco interesse foi demonstrado pelos respondentes. Este fato suscita uma questão sobre os valores agregados aos diferentes conhecimentos – quais conhecimentos são considerados aprovados e são estimados atualmente. Em uma comunidade

insular que traz consigo heranças tradicionais parece fundamental disseminá-la para preservá-la apesar das grandes mudanças pelas quais esteve submetida. Porém, a natureza, apesar de fundamental para a continuidade da humanidade, segue sendo explorada. Do mesmo modo, os saberes caiçaras que a circundam se esvaem progressivamente. Duas mães comentam a falta de interesse da comunidade para este perfil de projetos e atividades, retratando uma possível falta de interesse nos saberes tradicionais.

## CONSIDERACOES FINAIS

Diversas questões nortearam o presente estudo de pesquisa e reflexão. Buscava-se entender se os projetos de educação não formal atuam a favor da manutenção da cultura de comunidades tradicionais/caiçaras como ferramenta de concretização e ampliação dos saberes e conhecimento em função da reafirmação/reconhecimento das identidades locais, bem como descobrir de que maneira esses projetos educacionais desvinculados da escola impactam a formação dessa população específica.

A partir dessa problemática, esse trabalho tem como objetivo geral estudar a existência de projetos educacionais não formais existentes na Vila do Abraão e o seu impacto relativamente aos saberes e conhecimento da população local, bem como a sua relação com a reafirmação/reconhecimento das identidades locais tradicionais/caiçaras. Em termos de objetivos específicos pretendeu-se: realizar uma análise e reflexão acerca das concepções de educação não formal e a sua importância na formação dos indivíduos; compreender as dimensões de cultura caiçara e conhecer a história e a cultura da Ilha Grande; mapear os projetos educacionais desenvolvidos na Vila do Abraão fora do contexto escolar; sistematizar as lacunas existentes no quesito educacional na visão das famílias das crianças da Vila do Abraão.

No primeiro capítulo foi apresentada a trilogia educação formal, informal e não formal e seus conceitos a partir da visão de diversos autores. O levantamento bibliográfico efetuado permitiu entender que a união entre as três modalidades educacionais são fundamentais para a formação integral dos indivíduos. A educação não formal - foco da presente pesquisa – abre espaço para outros fazeres educacionais fora do contexto escolar, dessa forma valorizando outras formas de educar. Este princípio abriu os caminhos para o segundo capítulo, que apresentou a história e a cultura da Ilha Grande para enfim entrar na análise dos projetos educacionais desvinculados da escola nesse contexto insular específico.

Portanto, no segundo capítulo, compreendemos a história da Ilha Grande desde que era habitada pelos povos originários, os Tamoios. Foram detalhadas a partir de uma pesquisa bibliográfica as diferentes fases e mudanças pelas quais passou este território, da invasão dos Portugueses, aos caiçaras, ao lazareto e presídio, as fabricas de sardinha, e por fim a dominação do turismo como principal atividade econômica. Este último e atual estágio em que se contextualiza a vida dos moradores da Vila do Abraão – vila da Ilha Grande foco da pesquisa – de

viverem quase que exclusivamente do turismo, levantou importantes questões que nos levam ao terceiro capítulo deste trabalho. De que maneira a alta do turismo afetou o modo de viver e ser caiçara? O que motivou a criação de projetos de educação não formal na Vila e qual impacto este tem na vida das crianças e adolescentes da vila bem como na manutenção da cultura e identidade caiçara?

O terceiro e último capítulo, dividido em dois subcapítulos, apresentou no primeiro a metodologia utilizada para realizar a pesquisa de campo para e os projetos de educação não formal existentes na Vila do Abraão. Apresentação esta sobre os criadores dos projetos e suas motivações, dos objetivos que o norteiam, do público-alvo atendido, do financiamento – ou a falta dele -, das metodologias e registros de suas atividades. No que diz respeito à valorização da cultura caiçara a partir destes projetos, observamos que a maioria deles parte desta premissa e realiza, na medida do possível, ações que contribuam pela perpetuação destes saberes. Na análise dos dados do segundo subcapítulo, que questiona as famílias das crianças sobre os projetos desenvolvidos, fica claro que a manutenção e disseminação dos conhecimentos da cultura caiçara não parecem ser uma prioridade quando pensam na educação de seus filhos, em contraposição à intenção dos projetos de serem ferramentas de concretização e ampliação dos saberes e conhecimento em função da reafirmação/reconhecimento das identidades locais. Porém, observa-se uma lacuna no que diz respeito à comunicação entre os projetos e as famílias das crianças que poderiam ser atendidas por eles, além de uma significativa falta de investimento para que os atores dos projetos pudessem se dedicar exclusivamente a eles e terem a oportunidade de se expandir e atender mais crianças com mais frequência.

Ainda assim, por mais que os projetos não atinjam todas as crianças e adolescentes da Vila, fica claro o impacto positivo que eles provocam. Disseminar a cultura caiçara através das artes, participar de um coletivo que concebe suas próprias regras e diretrizes à partir de suas subjetividades, aprender o respeito ao outro e questões de ética e cidadania, envolver-se em um esporte em contato com a natureza, amparar a autoestima de crianças e adolescentes, colaborar com a consciência ambiental, levantar as vozes e demandas de uma comunidade em diversas instâncias, prezar por um turismo de base comunitária, entre outros propósitos analisados, são ações significativas para esta comunidade em seu contexto insular.

Nesse sentido, concluímos que a educação não formal é uma excelente ferramenta de formação para crianças e jovens. Parece necessário principalmente a partir do momento em que a



educação formal não é integral. Além disso, ela leva em consideração as subjetividades de cada grupo, podendo ser desenvolvida da melhor maneira, pensada especificamente para um contexto particular. Isto é demonstrado na presente pesquisa: as temáticas e objetivos dos projetos de educação não formal investigados são fundamentais e dizem respeito apenas a esta comunidade insular – os esportes praticados e a manutenção da cultura caiçara e as identidades que ela carrega não fariam sentido para indivíduos que vivem outra realidade.

Ainda, vale refletir sobre a desconexão existente entre a educação formal, ou seja, a escola da Vila e os projetos de cunho educacional não formal desenvolvidos. Seria interessante pensar em uma possível parceria de modo que a escola agregasse - não apenas financeiramente - mas promovendo, dando visibilidade, incentivando e demonstrando valorizar os projetos. Nesse sentido, a escola seria um alicerce no que diz respeito a aproximar dos projetos os alunos que a frequentam.

Por fim, o presente trabalho pretende dar visibilidade a esta comunidade e às iniciativas que a circundam, consideradas aqui como fundamentais. Devemos às novas gerações uma formação crítica e integral para que tomem as rédeas de nosso futuro de maneira consciente – que caminhem contra o modo de viver do consumismo gerado pela sociedade capitalista, ao encontro da preservação da natureza. Desejo contribuir com esta vila que foi o meu berço ao balanço do mar bem como colaborar para outros trabalhos no campo da educação que potencializem a ação coletiva e comunitária, assim como os projetos estudados.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, C. As populações caiçaras e o mito do bom selvagem: a necessidade de uma nova abordagem interdisciplinar. **Revista de Antropologia**, [S. l.], v. 43, n. 1, p. 145-182, 2000. DOI: 10.1590/S0034-77012000000100005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/27091>. Acesso em: 10 maio. 2021.

ADAMS, C. Caiçaras na Mata Atlântica: pesquisa científica versus planejamento e gestão ambiental. São Paulo: Annablume, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ra/v43n1/v43n1a04.pdf>

ALMEIDA, L. **O projeto "Tecendo Redes por um Planeta Terra Saudável": a metodologia colaborativa entre o Museu da Vida e as escolas públicas vizinhas à Fundação Oswaldo Cruz em prol do direito à cidade**. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p. 47. 2014.

Bruschini, Maria Cristina A. e Ricoldi, Arlene Martinez. Família e trabalho: difícil conciliação para mães trabalhadoras de baixa renda. *Cadernos de Pesquisa* [online]. 2009, v. 39, n. 136 [Acessado 01 Julho 2021], pp. 93-123. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0100-15742009000100006>>. Epub 10 Ago 2009. ISSN 1980-5314. <https://doi.org/10.1590/S0100-15742009000100006>.

FÁVERO, Osmar. Educação não-formal: contextos, percursos e sujeitos (**Resenha** do livro organizado por PARK. M. B.; FERNANDES. R. S. *Educação & Sociedade*. Campinas, v. 28 n. 99 p. 1-4, may/aug. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/PXffv6zx3gFXmwN3wpydDpr/?lang=pt>.

GARCIA, Valéria Aroeira. O Papel do Social e da Educação Não-Formal nas Discussões e Ações Educacionais. *Anais do II Congresso Internacional de Pedagogia Social*, São Paulo, set. 2013.

GOMES, Marcus Machado. *A natureza sob vigilância: etnoecologia e ethos penitenciário na Ilha Grande*. Monografia (Graduação)–Departamento de Ciências Sociais/Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UERJ, Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: [http://ilhagrandehumanidades.com.br/sites/default/files/Marcus%20Gomes%20-%20Monografia\\_0.pdf](http://ilhagrandehumanidades.com.br/sites/default/files/Marcus%20Gomes%20-%20Monografia_0.pdf)

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: Aval. Pol. Públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, Mar. 2006. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-)

40362006000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 29 Jan. 2021.  
<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-40362006000100003>.

LIMA, Paulo Gomes; DIAS, Izabel de Carvalho Gonçalves. Educação não-formal: um intertexto sobre sua caracterização. **Revista Ciência da Educação**, São Paulo, n. 19, p. 141-173, 2º Semestre/2008.

MACIEL, Alba; HILDA, Souza; CARDOSO, Neuseli. **Onde deixei meu coração** a história dos últimos caiçaras da Ilha Grande. 1ª edição. Abraão/Ilha Grande: Eco Editora Ilha Grande, 2011.

MATOS, Ane Aparecida da Silva; FRÓES, Livia Correia; MILWARD-DE-AZEVEDO, Julianne Alvim. **Processo de evolução e apropriação do solo da Vila do Abraão na Ilha Grande em Angra dos Reis**. 6º Simpósio de Gestão Ambiental e Biodiversidade, Rio de Janeiro, 6º Anais, 20 a 23 de junho de 2017. Disponível em: <https://docplayer.com.br/73142182-Processo-de-evolucao-e-apropriacao-do-solo-da-vila-do-abraao-na-ilha-grande-em-angra-dos-reis-rj.html> . Acesso em: 20 de maio de 2021.

PRADO, Rosane Manhães. As espécies exóticas somos nós: reflexão a propósito do ecoturismo na Ilha Grande. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre , v. 9, n. 20, p. 205-224, out. 2003 . Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-71832003000200011&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832003000200011&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 02 maio 2021. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832003000200011>.

SILVA, C.A. "Coleta seletiva e compostagem na Vila do Abraão (Ilha Grande, RJ): aspectos e recomendações", dissertação de mestrado, UERJ, 2011. Disponível em: [http://www.peamb.eng.uerj.br/trabalhosconclusao/2011/CarolinaAndradedaSilva\\_PEAMB2011.pdf](http://www.peamb.eng.uerj.br/trabalhosconclusao/2011/CarolinaAndradedaSilva_PEAMB2011.pdf)

SOLIS, D. E. N; Oliveira, N, V; **Das trilhas indígenas às rotas de fuga: um estudo transdisciplinar da Ilha Grande**. Rio de Janeiro. Resvista Ensaios Filosóficos, volume XX, dez 2019. Disponível em: [http://www.ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo20/12\\_Solis\\_Ensaios\\_XX.pdf](http://www.ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo20/12_Solis_Ensaios_XX.pdf)

Sem Nome. **História da Ilha Grande**. Ilha Grande, Sem data. Disponível em: <https://www.ilhagrande.com.br/ilha-grande/historia/>. Acesso em: 15 de junho de 2021.

## ANEXO 1

### Questionário para projetos

Qual é o seu nome?

Você mora na Ilha Grande? Em que local da ilha? Há quanto tempo?

Qual é sua profissão?

Qual o nome do seu projeto?

Quais foram as motivações para a criação do mesmo?

Desde quando ele existe? Ele ainda está sendo desenvolvido?

Quem são os atores do projeto?

Quais seus objetivos? Esse projeto é de cunho educativo?

Qual o público-alvo?

Em que/quais local/locais ele se desenvolve?

Você poderia citar alguns exemplos de ações desenvolvidas?

Ele necessita ajuda financeira?

Ele recebe esse investimento? De quem?

Vocês têm registros das ações e/ou metodologias desenvolvidas?

Você considera importante a cultura caiçara da ilha grande?

Seu projeto contribui para o reconhecimento das identidades tradicionais/caiçaras? Se sim, de que maneira?

Seu projeto contribui para o aprendizado das diferenças e da convivência com os demais? E pela construção da identidade coletiva de um grupo?

Seu projeto lembra regras éticas relativas às condutas aceitáveis socialmente e/ou a consciência e organização de como agir em grupos coletivos?

Seu projeto preza pela valorização da autoestima dos que dele participam?

Seu projeto tem como uma de suas metas, preparar seus participantes a se tornarem cidadãos do mundo, a transmissão de informação e formação política e sociocultural?

Seu projeto se articula com outros projetos desenvolvidos na ilha grande? E com a escola local?

Você pensa que é possível conciliar o turismo com a valorização da cultura tradicional caiçara?

Seu projeto está sendo desenvolvido da maneira que ele foi idealizado? Ou há mais ações/propostas que você gostaria de desenvolver e por algum motivo, não consegue? Se sim, qual esse/esses motivo(s)?

## ANEXO 2

### Questionário para mães/ pais de crianças da Vila do Abraão

Quantos anos tem seu (sua) filho(a)?

Seu (sua) filho(a) vai à escola?

Seu (sua) filho(a) participa de alguma atividade/projeto extraescolar?

Se sim, qual? Se não, por quê?

Você considera que os projetos oferecidos na vila são suficientes?

Se não, qual tipo de projeto você gostaria de ver sendo desenvolvido na Vila para que seu (sua) filho(a) pudesse participar? Por quê?